

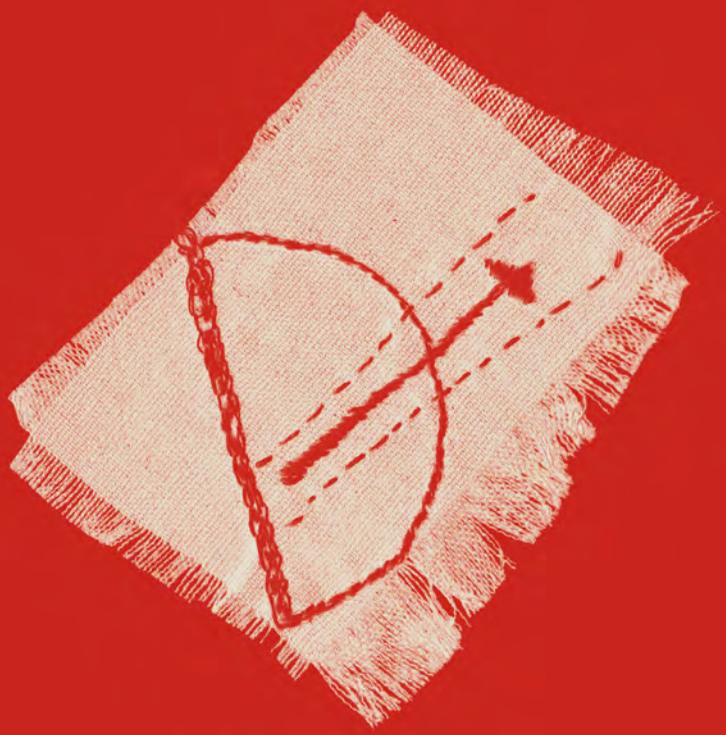
Laboratório
de publicações
educativas

flechas folhas pássaros

CAMINHOS NA EDUCAÇÃO

oficina
Francisco
Brennand





flechas folhas pássaros

CAMINHOS NA EDUCAÇÃO



OFICINA FRANCISCO BRENNAND
LABORATÓRIO DE PUBLICAÇÕES EDUCATIVAS

RECIFE, 2023



Com alegria, compartilho os feitos recentes da Oficina Francisco Brennand, dedicada a impulsionar métodos educativos inovadores e a promover um diálogo com a cultura. Destaco o impacto significativo do nosso Laboratório de Publicações Educativas, uma oportunidade de reflexão profunda para os professores da Região Metropolitana do Recife.

Nesse laboratório, mãos se uniram para criar uma publicação originada da exposição *Invenção dos Reinos*, onde a poesia de Francisco Brennand dialoga com artistas envolvidos em cosmologias negras e indígenas, buscando integrar práticas educativas ao universo artístico. Propondo também na criação deste material o compartilhamento sobre as etapas da criação de um livro com os educadores, sejam nas escolhas editoriais e visuais.

No Laboratório de Publicações, unimos forças com professores do campo, da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e de comunidades quilombolas e indígenas. Exploramos temas como *O Arco e Flecha*, *O Pássaro e a Serpente* e *O Ovo e a Árvore da Vida*, fomentando projetos educativos inovadores.

A importância de um material forjado por educadores para educadores é indiscutível. Nas páginas dessa publicação, não só se expressam saberes acadêmicos, mas também a vivência cotidiana de professores imersos nas complexidades das salas de aula. É um manifesto enraizado na prática diária, um testemunho do pulsar das relações entre educador e educando que transcende as formalidades curriculares.

Esse material é um convite à autonomia pedagógica, uma ferramenta desafiadora da rigidez convencional, que abraça a diversidade. É a voz dos professores erguendo-se em coro, reivindicando seu papel não apenas como transmissores de conhecimento, mas como cultivadores de sabedoria e sensibilidade. Nas mãos dos educadores, essa publicação não é apenas um guia; é um farol, uma inspiração para repensar e revitalizar o processo educativo, afirmar a riqueza das experiências pessoais como catalisadoras de aprendizado autêntico.

Com estima,
Marcos Baptista Andrade
Diretor-Presidente

Com o intuito de fomentar metodologias de educação inovadoras e em diálogo com a cultura, o projeto de Laboratório de Publicações Educativas em sua primeira edição abriu uma chamada para professoras e professores das redes públicas e privadas do ensino básico da Região Metropolitana do Recife a participarem de um espaço de convivência e intercâmbio de ideias e experiências cujo intuito era a aproximação entre redes de educação escolar e as práticas educativas desenvolvidas Oficina Francisco Brennand.

Ao longo de cinco semanas, professores bolsistas participaram de um laboratório que tinha como objetivo final a produção de uma publicação educativa em torno da exposição Invenção dos Reinos, curada por Ariana Nuala e Marcelo Campos, com assistência curatorial de Henrique Falcão, educador da Oficina.

Este projeto expositivo foi pensado como possibilidade de relação, convivência e diálogo com o imaginário do artista Francisco Brennand na criação de sua cidadela, em reunião com trabalhos de artistas de diferentes gerações e lugares, que se comprometem em não se desassociar de seu território, de sua morada, mas que confluem entre as migrações operadas a partir dos ventos e das forjas.

Os artistas que compõem a exposição ao lado de Francisco são Abelardo da Hora, Abiniel Nascimento, Adailton de Dedé, AORUAURA, Bezinho Kambiwá, Bozó Bacamarte, Clara Moreira, Daiara Tukano, Diogum, Fakhô Fulni-ô, Francisco Graciano, Fykyá Pankararu, Geraldo Dantas, Helcir Almeida, Ianah Maia, Irís e Iara Campos, Jaider Esbell, José Cláudio, Lidia Lisbôa, Luiz Marcelo, Elson e Mestre Gerar, Nádia Taquary, Paulo Apodonepá, Rafaela Kennedy, Rayo, Reginaldo de Mestre Quebra Pedra, Thiago Costa, Tiganá Santana e Zé Crente.

O Laboratório contou com dez vagas para professores, sendo seis deles contemplados através de uma chamada pública, e os outros quatro através de convites que proporcionaram a ampliação da pluralidade no grupo. Foi dada a prioridade para professoras e professores que já desenvolviam projetos alinhados à Lei Federal 10.639/03, que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, ampliada pela Lei 11.645/08, que incluiu a obrigatoriedade



do ensino de Cultura e História dos Povos Originários, trazendo mais diversidade e novos olhares para o currículo escolar.

Neste contexto, o Laboratório de Publicação estabeleceu uma parceria com professores atuantes na Educação no Campo, na Educação de Jovens e Adultos (EJA), bem como com profissionais quilombolas e indígenas. Como parte desse processo, foram pré-selecionados quatro professores associados a cada um desses eixos para participar do laboratório. O objetivo principal foi garantir a participação de profissionais da rede pública, os quais trabalham dentro de contextos territoriais específicos e encontram no seu dia a dia as questões abordadas neste projeto.

Um dos desejos principais do nosso Laboratório era o de entender o caráter pesquisador de professores da rede de ensino básico a partir de uma proposta de produção de saberes integrados que teve como culminância o desenvolvimento desta publicação. E onde as implicações didáticas se entrecruzam com o pensamento biográfico e, em muitas vezes, a abordagem poética. Grata surpresa foi o encontro das distintas experiências aqui reunidas.

Os conteúdos da publicação foram desenvolvidos a partir das relações temático-conceituais delineadas a seguir.

O ARCO E FLECHA

Presente de maneira recorrente nas obras de Francisco Brennand, o Ofá, símbolo que adota o formato de arco e flecha, não apenas representa o guardião das matas, o orixá Oxossi, mas também se amplia como um artefato que carrega consigo saberes indígenas. Neste eixo, ocorre uma interligação das simbologias, cosmologias e visualidades que têm suas raízes culturais nas origens indígenas e africanas. Através desse eixo, surgiram projetos que desenvolviam ferramentas de ensino em relação aos usos da visualidade e dos símbolos. Os escritos de Carlos Avelar e Tatiana Albuquerque nos contam um pouco disso.

O PÁSSARO E A SERPENTE

A mata do Catucá — como é chamada a parte da Mata Atlântica que fica ao redor da Oficina —, o Rio Capibaribe, a flora e fauna locais encontram-se às criaturas esculpidas e espalhadas por toda a exposição como

significantes de permanência e respeito aos ecossistemas que se integram às edificações da Oficina. Junto a este eixo, surgiram propostas sobre educação ambiental e conhecimentos sobre a biodiversidade local e respeito à natureza e seus guardiões. *Portal dos Ojás, Saber Ancestral e A Escola do Campo* são exemplos destas contribuições.

O OVO E A ÁRVORE DA VIDA

A partir da ideia do ovo, conectam-se aqui questões como morte, vida, reprodução e transformação da matéria, bem como relações de memória e ancestralidades. Neste eixo, encontramos contribuições que cruzam educação sexual, identidades e dissidências de gênero, bem como projetos que relacionam o ensino da disciplina de História a uma ideia de formação de memória coletiva. *FAYOGBÁ EWÉ: Recebemos as folhas com alegria, A flecha sou eu, Cercada de passarinhos — O caminho da contraflecha* são exemplos destas abordagens singulares.

—

Como equipe de Educação e Pesquisa, em diálogo e a partir dos eixos temáticos institucionais da Oficina — Natureza, Território e Cosmologias —, temos desenvolvido uma série de práticas artísticas, culturais e educativas contemporâneas, que incluem eventos como: *Ocupa Oficina* e *Trilhas do Capibaribe*, que desempenham um papel crucial na pesquisa e na disseminação de práticas que visam ampliar narrativas únicas; *Encontro com professoras e professores*, destinado à formação e ao acesso de trabalhadores da educação aos espaços e recursos da Oficina; Visitas mediadas com escolas, ongs e demais instituições de ensino; Atividades de desenvolvimento de pesquisas e atividades acadêmicas como o *Curso de Extensão — Diálogos sobre Natureza, Cosmologias e Territórios*; *Mestres Oleiros* e *Museu, Artes e Antropoceno*; E as séries documentais *Saberes do Barro, Série Paulo Freire* e *Caminhadas*.

Neste caminhar, chegamos ao Laboratório de Publicações Educativas que se soma a esta trama de fazeres dentro da Oficina de maneira singular e positiva. Neste momento, encontramos também espaço para agradecer a nossa ex-diretora de educação e pesquisa, Gleyce Kelly Heitor, que

com sua maestria concebeu e coordenou nosso programa de educação e pesquisa, e esse projeto enquanto esteve conosco até o fim do ano de 2022, cultivando um solo fértil para os frutos que colhemos ainda hoje.

Confiando no potencial de nossa equipe e dos queridos participantes do projeto, reafirmamos o poder articulador das práticas de educação dentro dos espaços artísticos e as potencialidades de um diálogo transversal entre experiências de vida e seus impactos em trajetórias profissionais que abrem caminhos para uma educação e contribuições artísticas em consonância com nossas lutas cotidianas.

Esperamos que o encontro com esta publicação seja fagulha de encorajamento e esperança.

Ariana Nuala
Gerente de Educação e Pesquisa

Mariana Souza
Educadora

Milla Serejo
Educadora



É com imensa satisfação que abrimos este livro, fruto do primeiro Laboratório de Publicações Educativas, uma residência promovida pela Oficina Francisco Brennand. Este projeto busca não apenas documentar, mas também celebrar as experiências, reflexões e vozes de professoras e professores dedicados ao ensino básico em Pernambuco em torno da criação coletiva de um livro.

Foram oito encontros (remotos e presenciais) durante um mês, uma jornada intensa e um tanto enriquecedora protagonizada por práticas pedagógicas em escolas do campo — presentes em comunidades quilombolas e assentamentos rurais — e nas escolas urbanas das redes pública e privada do Recife. Nossa proposta foi conectar esses cotidianos com a escrita, dando voz às vivências desses educadores, buscando um espaço de criação e transformação.

Nos sábados, ocupamos o território da oficina idealizada pelo artista Francisco Brennand, repleta de obras que carregam simbologias, significados e cosmovisões. A imersão nesse ambiente trouxe referências e criou pontes com as práticas educativas e escritas produzidas pelas professoras e professores. Em paralelo à residência, a exposição Invenção dos Reinos estava em construção e seria a primeira exposição trazendo outros artistas para a instituição, costurando a criação de Brennand com visões de mundo fundadas em outras perspectivas existenciais.

Os diálogos durante nossos encontros partiram das leis 10.639/03 e 11.645/08, que determinam o ensino das culturas afro-brasileira e indígena e fomentam suas intersecções com o cotidiano escolar. Essas leis

nascem da luta por reconhecimento e inclusão das histórias e culturas na configuração étnica brasileira. Elas fornecem um respaldo necessário para enfrentar violências, apagamentos e preconceitos propagados em nosso contexto educacional.

As conversas em roda, as trocas de saberes e sabores, a escuta ativa, a leitura em grupo, todas essas práticas foram fundamentais. Elas deram forma ao livro, transformaram a escrita em uma performance coletiva e abriram o contato ainda com outras construções legais que orientam os caminhos pedagógicos, buscando uma educação mais ampla e respeitosa.

Agradecemos pelas generosas contribuições, pelas presenças e histórias que tornaram este encontro tão significativo. Que este livro seja um objeto de reflexão e prática, uma fonte de inspiração para a construção de experiências pedagógicas sensíveis, íntimas, coletivas e potentes. Este diálogo não se encerra nestas páginas, mas continua nas salas de aula, nos projetos e nas vidas transformadas pela educação.

Bia Lima e Camila Storck
Educadoras e consultoras
pedagógicas

Priscila Gonzaga
Designer e coordenadora
editorial

Convidadas para a primeira edição do
Laboratório de Publicações Educativas

flechas folhas pássaros

CAMINHOS NA EDUCAÇÃO



LABORATÓRIO DE PUBLICAÇÕES EDUCATIVAS



Portal dos Ojás

25 **MARIA DA
CONCEIÇÃO
FREITAS**

Maria da Conceição Freitas, natural de Salvador (BA), licenciada em História e Pedagogia. Psicopedagoga integrativa e amante do poder da palavra, do trocar saberes e do aprender. Atua na educação básica, na formação de professoras e professores e outros grupos, como consultora de educação e articuladora de diálogos que costumam letramento racial, gênero, deficiência social e outras interseccionalidades. Um corpo de felicidade que gosta do que faz e de quem é, sua presença é afirmativa.

**FAYOGBÁ
EWÉ:
recebemos
as folhas
com alegria**

47 **HILSON
OLEGARIO**

Hilson Olegario é natural da Várzea do Capibaribe, Recife (PE). Homem preto não retinto, é Babá Assogbá do Ilê Axé Orinsalà Talabí na cidade de Paulista. Mestre em Ensino de Filosofia, sendo bacharel licenciado em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), autor do livro: Desterritorialização do ensino de filosofia: uma experiência rizomática no primeiro ano do ensino médio; e Mestre da Cultura Popular pelo Boi da Mata, na UR7-Várzea, no Recife.

A flecha sou eu

59 TERESA
FRANÇA

Teresa Cristina França de Moraes, nascida em Goiana (PE) no ano de 1951. Integrante do MNU, do GTERÊ e professora de artes visuais da educação infantil e fundamental I no Instituto Capibaribe. Formada em pedagogia pela UFPE e com especialização em Arteterapia, Tecnologia da Educação e Arte Educação. Tem como bases as relações entre as áreas de Educação Artística, Literatura e História para a alfabetização das artes visuais e o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

O saber ancestral praticado e compartilhado

73 GEISIANE
PAULA

Geisiane Paula Pacheco da Silva, quilombola, formada em Licenciatura em Pedagogia e especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Faculdade José Lacerda Filho de Ciências Aplicadas (FAJOLCA), Educação Quilombola e Cultura Afro pela Universidade Venda do imigrante (FAVENI). Professora de Educação Infantil, Anos Iniciais e EJA.

A escola do campo

85 ELIANE
DUARTE

Eliane Marques Duarte, do Cabo de Santo Agostinho. Formada em Licenciada em Administração e Comércio e Pedagogia pela FACHUCA, Psicopedagoga Institucional pela FATIN, especialista em Educação do Campo pela UFRPE Campus Garanhuns pelo PRONERA e MST. Professora do EJA CAMPO. Supervisora Pedagógica na rede municipal, atua como formadora de professores e professoras das escolas do Campo desde 2004.

Territórios urbanos invisibilizados

95 CARLOS
AVELAR

Carlos Avelar, original de Olinda (PE), mestre em Meio Ambiente pelo PRODEMA/UFPE, especialização em Gestão Pública (FCAP/UPE), Geógrafo pelo DCG/UFPE e Tecnólogo em Gestão Ambiental pelo IFPE. Graduando em Jornalismo pela Faculdade Estácio. Professor da rede pública do estado de Pernambuco e do município do Recife, atuando em formações de professores e professoras desde 2012 e em Educação Ambiental nas duas redes e em fóruns de meio ambiente.

Matemática ∩ Culturas Negras ∩ Culturas Indígenas Brasileiras

109 TATIANA
SARMENTO

Tatiana Sarmiento Martins de Albuquerque, do Recife (PE). Formada em Pedagogia (FAFIRE) e em Psicomotricidade Relacional (Ícone). Formada em Atendimento Educacional Especializado (AEE – Famart). Professora e Especialista em Matemática dos anos iniciais do Ensino Fundamental e integrante da equipe de formação continuada de professores e estagiários, na rede particular. Professora de EJA e Apoio Pedagógico, na rede estadual. Psicomotricista Relacional, com experiência escolar e clínica.

O caminho da contraflecha

123 GABRIELA
MONTEIRO

Gabriela Monteiro (Olinda/PE) é professora, realizadora audiovisual e produtora cultural, formada em Licenciatura em Letras pela UPE e, atualmente, cursa pós-graduação em Cultura Visual: Fotografia e Arte Latino-Americana, pela UNICAP. É indígena Fulni-ô e tem sua produção artística voltada para a construção de narrativas que atravessam identidade, ancestralidade e cultura indígena.

Sentir ➔ Criar ➔ Propagar

131 GIVANILSON
SOARES

Givanilson Soares, natural de São Lourenço da Mata (PE), professor da Rede Municipal do Recife, graduado em pedagogia pela UFPE e Mestre em Educação pela UPE. Também é escritor e contador de histórias, além de atuar em cursos de graduação e pós-graduação, lecionando disciplinas ligadas às áreas das artes visuais, música, movimento, jogos e brincadeiras.

Resgatar para ressignificar

147 CAMILA
SANTIAGO

Camila Maria Santiago Fagundes, mulher preta, periférica, candomblecista, natural do Recife, licenciada em Ciências Biológicas, mestra em Educação em Ciências e Matemática. Atualmente sou coordenadora dos anos iniciais e finais de uma escola privada em Olinda e atuo como formadora de professores. Sou uma mulher que é amante da educação e acredita no poder de transformação que a educação possui na vida de cada ser



sempre conheci a peitica. chateação, coisa ruim. expressão popular pra se referir a pessoa que implica demais. teimosia e insistência em algo naquele momento, naquela narrativa. quando criança me chamavam peitica e eu me sentia dentro dessa designação. o insistente silenciamento do que não deveria mais ser ouvido. não devia? outro dia eu estava conversando com um amigo que mora perto da mata do agreste pernambucano, no território fulni-ô, e, no meio da conversa, ele silenciou para escutar algo. como se o recado houvesse acabado de chegar. só ele escutou e resmungou, reclamando. estava anoitecendo e nesse horário o vento traz muitos sons plantas bichos pássaros gente. ele perguntou se tinha ouvido. eu disse que não e silencieei. entendendo nada. depois eu ouvi o canto, ele falou que era a peitica. eu ouvi, mas não sabia escutar. o recado não era pra mim. história antiga. algo estava para acontecer e não era bom. mas o recado não era pra mim. também não sei o que aconteceu. pássaros são mensageiros. peiticas trazem maus presságios? aviso. estado de alerta. mas eu não moro na mata. vivo cercada de ruídos distorcidos. buzinas. máquinas derrubando árvores e muros. pontes caindo. se a natureza é um caminho de acesso e conexão, como posso escutá-la em meio ao caos? como as águas, as mensagens

tornam-se turvas. com outras histórias, entendi que avisos — bons ou maus — tem que ser escutados e processados. outro dia liguei pra minha tia, que também mora na cidade, para dar uma novidade e assim que escutou, ela me disse “escutei o vim-vim hoje cedo e sabia que vinha novidade. que bom que foi notícia boa”. os caminhos para compreender essas mensagens vão mudando. se adaptando. passarinhos seguem comunicando. quero mesmo é estar cercada de passarinhos. quando a comunicação falha e o idioma limita. mas o recado chega. ultrapassa ruídos e falhas para insistir na fala. mesmo que cerceada. mesmo que insistente. mesmo que negativa. ou não. mensagens que atravessam quilômetros dimensões cidades. cercada de passarinhos. sobrevoar distorções por teimar em falar. atravessar países. entender como fronteiras se cruzam e, para além dos ruídos, imergir nas mensagens. frequências e ruídos que distorcem imagem & som. apesar de. mata cidade árvore prédio planta bicho gente carro carroça trator furadeira fumaça ventania. imagens. vislumbres. distância encurtada. o recado vai passando de passarinho em passarinho, traduzido em tantas línguas, cantos, espaços físicos rurais, oceânicos e urbanos, para fazer entregar o que deve ser sabido. cercada de passarinhos.



MARIA DA CONCEIÇÃO FREITAS

Portal dos Ojás

*Na trilha do conhecimento para trocar
saberes, enfrentar e romper com ciclos de
violências impostos pelo racismo religioso*

Estou construindo amor,
é um terreno de terra preta
tem duas enxadas
algumas sementes
bora?

(poema de Joy Thamires no livro *Te recito*)

FOTO_ MARIA TERESA FREITAS SANGUMBA ISAAC

SEGUINDO A TRILHA DE UM PORTAL

CHEIO DE MAGIA

O acesso à Oficina Francisco Brennand é uma trilha pela mata, um corredor verde cheio de beleza. Passando por esse caminho fui surpreendida e tomada por uma sensação ímpar, que mexeu com minhas emoções e deixou meus olhos marejados. Que lugar mágico, forte, com energia pulsante, logo percebi que estava adentrando um portal ancestral de resistência, que chamo de Portal dos Ojás, uma referência ao sagrado que guarda a natureza, e que nos guarda, enquanto elementos parte dessa natureza. Rapidamente fui configurando o que venho partilhar nessa produção literária, costurar um diálogo entre os elementos que compõem a essência humana, seus símbolos e significados, definindo o que somos, corporeidades parte da natureza. A nossa construção sociocultural norteia padrões e suas reproduções nas relações sociais, e em especial no âmbito da educação, onde a escola pode ser um espaço “adoecedor”, considerando muitos equívocos reproduzidos que contribuem para deformar no lugar de formar sujeitos conscientes do processo histórico e do reconhecimento das ancestralidades e do respeito a elas, independente da fé que professa ou da religião que segue e dos símbolos que acredita.

Adentrar o território sagrado, que hoje é ocupado pela arte de Francisco Brennand, requer uma cosmopercepção, um caminho lindo para romper com violências impostas pelo racismo e os apagamentos promovidos pela ausência histórica de políticas, acesso e garantia de direitos das populações negra e indígenas. Portanto, escolher o respeito é um estilo de vida que reverbera nas práticas construídas no chão da escola, que respeita os elementos que forjaram a humanidade, água barro folha tempo, e que representam as religiões de matriz africana, que em momento algum fazem referência a demônios que foram criados e introjetados no inconsciente coletivo, para depreciar o legado afro-indígena. A sociedade é diversa, como tem que ser, mas o desconhecimento da história, da ‘nossa história’ é resultado de uma lógica dominadora, eurocentrada e de sobreposição racial pautada em

recortes como branquitude, patriarcado, machismo, racismo e outras interseccionalidades.

Assim, reconhecer que somos água barro folha tempo é compreender a existência que antecede nossas crenças. A água é sobrevivência, alimento, higiene, energia, batismo, e ou, iniciação em muitas e diferentes religiões, fertilidade que abriga a vida no ventre. Somos das águas que se misturam ao barro e a terra que nos alimenta e nos cura através da sabedoria ancestral da utilização das folhas para chá, lambedores, garrafadas, banhos, limpezas energéticas e tantos outros beneficiamentos, além do tempo que simboliza vida e que apenas ele nos dará respostas.





O PORTAL DOS OJÁS

Fui selecionada como Professora pra participar do *Laboratório de Publicações Educativas* da Oficina Francisco Brennand, uma residência em educação direcionada a profissionais com atuação na educação básica em Pernambuco, para produção escrita.

No primeiro encontro presencial realizado na oficina, mesmo sabendo do que trataríamos, preferi ir aberta ao que fosse fluido, assim, no caminho de trilha de chão batido, aberto em meio à mata, vi uma árvore imponente abrindo o espaço, para o que entendi ser um portal, caminho que despertou em meu corpo a força da terra e as energias que o baile das folhas emanam pelo vento caminho a fora.

Logo que passei pelo portal formado de inúmeras espécies da flora, senti a necessidade de sacralizar o caminho e dessa forma nasceu a performance *Portal dos ojás*, um registro fotográfico do movimento que marca o território ao meu corpo território. Utilizo tecidos brancos, simbolizando a paz necessária para romper ciclos de violências desencadeados pelo racismo religioso, bem como, marcando o meu pertencimento identitário, considerando que meu corpo é afirmativo e minha presença representatividade. Ojá, significa pano, uma palavra de origem iorubá, e que nas religiões de matriz africana é usado como proteção dos elementos sagrados: Orís (cabeças), divindades, instrumentos sonoros, utensílios de barro que armazenam água, alimentos, oferendas, cântaros com flores e árvores. O já representa acolhimento, uma forma de acalmar corpos e suas ancestralidades.

Parafraseando o poeta, reafirmo a importância de aprender a ler pra ensinar meus e minhas camaradas, como um ato político, necessário para o processo de desconstrução de séculos de inverdades e demonização da nossa ancestralidade e o o já é uma ferramenta para dar visibilidade às cosmologias que nos forjam como corpos de resistência. O axó (roupa em iorubá) comunica, sobretudo, por se tratar da resignificação dos estigmas, atribuídos às pessoas escravizadas, sendo o tecido forma de marcar e identificar corpos negros subalternizados. O o já é mecanismo para visitar origens, reafirmar a beleza da estética negra, com o uso

de torços, turbantes e outras amarrações, um verdadeiro entrelace para troca de saberes. Conhecimento é poder e possibilidade de transformação social, portanto, é imprescindível no mundo contemporâneo que todas, todos e todes se disponham a dialogar com as diversidades existentes na sociedade, suas marcas, especificidades, trajetórias e histórias.

A performance Portal do Ojás foi um desafio incrível, pois se trata de uma linguagem artística pensada e parcialmente executada por uma Professora, que não é artista, mas é artística e acredita na criatividade como ferramenta pedagógica para trocar saberes, experiências e comunicar pela imagem. A intenção foi se desprender ao máximo de um formato acadêmico comum de diálogo entre fontes e epistemologias, pelo contrário, que essa narrativa seja fonte de conhecimento e inspiração para o germinar de uma pedagogia ancestral nos espaços formais e informais de educação. Que venha o novo a partir de vivências e práticas inusitadas e que outros portais se abram.





SEGUINDO O FLUXO DAS ÁGUAS

“Dona da casa me dá licença. Me dê seu salão para vadiar”. É com a poética de Dona Edith do Prato, sambadeira das boas, lá das bandas do Recôncavo da Bahia que inicio essa prosa contigo, pedindo sua licença para entrar no miudinho e me apresentar.

Sou Maria da Conceição Freitas, uma mulher negra, nordestina, mãe solo, feminista, candomblecista, sagitariana, professora, progressista, livre, inteligente, lindíssima, elegante, educada, de bom gosto, sem amarras, sem perder jamais a capacidade de me indignar e sempre vestida de amor. Ah, vou utilizar a licença poética para citar apenas o matriarcado que me forjou. Neta de Augusta Félix de Freitas e Maria Carolina dos Santos. Filha parida de Antônia Freitas dos Santos, filha do coração e do amor de Hilda Felix de Freitas, filha renascida pelas mãos de Marlene Rodrigues da Silva e filha escolhida por Iemanjá. Sou irmã mais nova de Teresa Cristina Freitas, Sandra Consuelo Freitas e Angela Marcia Freitas, todas as mulheres com nome e sobrenome, porque assim devemos nos apresentar. Dei continuidade ao matriarcado e fui escolhida por Maria Teresa Freitas Sangumba Isaac e Miguel Freitas Marques da Silva para o exercício da maternidade e o amar sem fim. Essas são as águas que me constituem, com origem entre o rio Paraguaçu no Recôncavo e as margens do Rio São Francisco, no estado da Bahia.

Sou soteropolitana licenciada em história, formação que me deu base para ser e pensar e que me levou a refletir sobre a necessidade, após tantos anos atuando com adolescentes e jovens, de voltar para a infância, lugar onde tudo começa. Resignifiquei minha prática profissional licenciando-me em pedagogia e seguindo o fluxo da educação infantil com a perspectiva de contribuir com a formação de crianças que futuramente estarão no mundo como sujeitos melhores em suas humanidades, pois que, ninguém nasce racista, preconceito se aprende, inclusive na escola. Assim, sou água, sou fluida, percorrendo caminhos e desvios, banhando outros e outras com a partilha do conhecimento e lavando o mundo para que a prática do respeito esteja presente e consciente e sirva de base para o bem viver.

YABÁS

Sou das águas! Posso ser
calmaria ou agito, depende do
vento que me soprar.

Sou das águas! Posso ser
clara ou escura, depende da
luz que me tocar.

Sou das águas! Posso guiar
o rumo da ventania e fogo
apagar.

Sou das águas! Meu gosto
pode ser doce, mas também
pode salgar.

Sou das águas! Posso te levar
e você nunca mais voltar.

Água no ventre abriga o ser,
gera a vida.

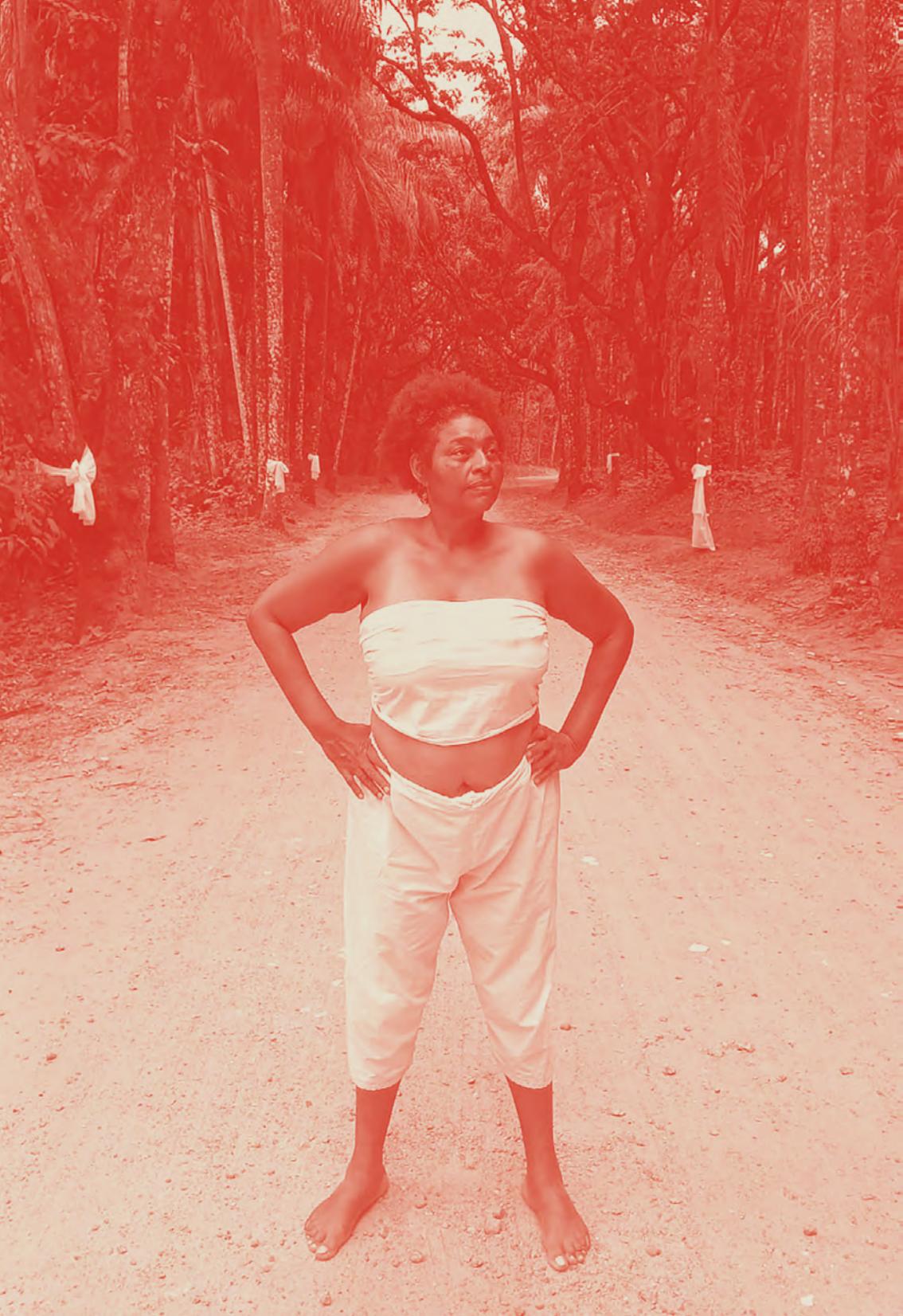
Água é vida, pode ser morte.

Água é caminho, água é norte.

Das águas, sou!

Sou água das....





COSTURANDO A HISTÓRIA QUE NOS TROUXE ATÉ AQUI

A escravidão no Brasil se configurou como um sistema super bem articulado ao que se propunha e reverberou em anos de desumanização de pessoas, lucro e enriquecimento de um grupo social em detrimento de outros grupos, leia-se pessoas negras e indígenas. Os caminhos percorridos por gerações acarretaram séculos de injustiça, desigualdades, exploração e exclusão, o chamado “não lugar”, atribuído aos não brancos, se transformou em um lugar de subalternidade, preconceitos, inferioridade e servidão.

No Brasil, aprendemos e reaprendemos todos os dias a ideia de liberdade para ressignificar relações, pertencças e identidades. O sistema escravista legou à sociedade a estrutura racista que alicerça desigualdades, falta de oportunidades, vulnerabilidades e empobrecimentos. Historicamente, pessoas negras e indígenas sempre foram mantidas longe do acesso a educação, e ainda que alguns/mas tenham atravessado esse contexto, o ciclo de desigualdade não foi rompido, mas tem sofrido abalos.

Os movimentos sociais negros e indígenas lutam há muito tempo por garantia de direitos e justiça social e é a partir da luta coletiva que políticas públicas são pensadas e implementadas na tentativa de romper ciclos de violências, dar visibilidade a diferentes sujeitos em sua diversidade étnica e cultural para que possam ocupar lugares de fala e representatividade. Reparação social é direito, portanto, cota não é esmola e intervenção na educação através de políticas públicas é urgente, como exemplificam as Leis 10.639/03 e 11.645/08, ambas dispendo sobre a valorização das culturas afro-brasileira, africanas e indígenas, como mecanismo para minimizar práticas racistas, oferecendo abordagens que permitam outras leituras e aprendizagens. A educação é base para o desenvolvimento social e falar sobre experiências, tecnologias, construção de pedagogias de base ancestral que vejam os sujeitos em sua integralidade, desconstruam estereótipos e contribuam para formação de sujeitos melhores em sua humanidade, é a garantia de uma sociedade mais igualitária e pensada para todas as pessoas.

Infelizmente, ainda que essas políticas existam há pelo menos duas décadas, sua implementação é lenta, pois esbarra no racismo institucional praticado no sistema de educação e nas escolas, inviabilizando uma ampliação de diálogos sociais emergentes. Porém, educar é também um compromisso político, e práticas antirracistas são produzidas em escolas e outros espaços através de gestões e corpos docentes conscientes e com performances que dialogam com o respeito às ancestralidades que forjam comportamentos, cultura e fé, independente da condição identitária de profissionais da educação, no âmbito formal ou informal. Atuando em formação de Professores e Professoras sobre as Leis 10.639/03 e 11.645/08, testemunhei muitas vezes comentários de que seria “complicado ensinar macumba em sala de aula”, resumindo a cultura africana e afro-brasileira e indígena apenas ao lugar religioso, pejorativo, endemoniado. Ora, a sala de aula não é espaço de doutrinação de nenhuma vertente religiosa e a/o profissional não está autorizada/o a professar qualquer forma de fé. É importante sim, sobretudo, falar da nossa ‘afroindigenabilidade’, seus atravessamentos e dimensões, presentes nas diferentes frentes: artes, tecnologias, estética, práticas de cura, culinárias, literatura e tantas outras abordagens possíveis nas áreas do conhecimento e componentes curriculares, bem como, atribuir à religiosidade de base ancestral o lugar de resistência e aqui-lombamento ao longo da história.

Assim, trabalhar com a implementação legal requer mudanças endógenas de quem está no solo da educação. Não cabe reproduzir atividades, feiras das nações através da pedagogia de projeto nas escolas, se o real entendimento do peso social da leis, do que elas pretendem para romper com práticas racistas e outros ciclos de violências não acontece. É importante conhecer para reconhecer-se, contribuindo inclusive para evitar a evasão e o insucesso escolar. Por fim, entender que a ideia não é ensinar a ensinar, pois despertar a consciência e trazer à reflexão é um exemplo real de prática pedagógica para libertação. O racismo religioso é um problema que afeta o mundo, onde pessoas sofrem diferentes formas de opressão, unicamente por serem diversas em sua fé e em professá-la. A sobreposição de crenças faz com que sujeitos se coloquem em um lugar de soberania e controle, a ignorância é ferramenta potente

para a manipulação das massas, que nem se dão conta que estão a serviço de interesses políticos conservadores e populistas, tudo em nome de um Deus que porta armas. Um ditado popular antigo diz que futebol e religião não se discutem — lamento, mas é preciso trazer a fé e a religião para o centro do debate sim, considerando que pessoas são vitimadas diariamente com suas vidas, histórias, tradições e memórias para atender ideais de controle territorial pelo poder que “autoridades” político-religiosas acreditam que têm. A mídia sensacionalista mostra o horror dos conflitos religiosos no mundo e aqui no Brasil assistimos com indignação o que está acontecendo e agradecendo que nas bandas de cá não ocorre o mesmo. Será? Aqui, onde templos são atacados e invadidos, seus ícones depredados e adeptos/as sumariamente agredidos/as até a morte, logo, urge refletir sobre religião (como campo de controle), fé, empatia, respeito e a necessidade de sermos melhores em nossas humanidades para exercitar a pedagogia do amor.

“Pra tu encontrar meu
céu, preciso saber onde
é o seu”

Luís Minervino Roberto
(Seu Luizinho, 96 anos).
Comunidade Quilombola Povoado Demanda,
litoral sul de Pernambuco, ano de 2023.

Esse livro foi pensado para contribuir com a reflexão e a prática de professoras e professores na condução de diálogos e ações que contemplem o aplicativo das Leis 10.639-03 e 11.645-08 no chão da educação, a partir das experiências, de um grupo diverso de Professoras e Professores, que acreditam na educação para as relações étnico-raciais como caminho para uma sociedade de todas as pessoas com desenvolvimento social justo em sua diversidade, sobretudo, a construção de práticas cotidianas que contemplem as diferenças de toda ordem, e que a ancestralidade não seja vitimada e vidas ceifadas pelo racismo religioso e a violência à fé, por que não precisamos de tolerância, queremos respeito. Toda construção é processo, coletivamente foram construídas narrativas que transformaram dores, com leveza, em ludicidade, poesia, arte, sabedoria ancestral, fé, natureza e histórias, em uma partilha de conhecimento, e é dessa forma que se espera que esse material seja utilizado para transformar ódio em cultura de paz e produção de artes, pois não é preciso falar só de dores pois é necessário exaltar existências, resistências e ressignificar o caminho que trilhamos até aqui, reconhecendo-o como resultado de outras reinvenções que nos antecederam. Assim, eis aqui um convite para (re)construir uma nova trilha para romper com o racismo religioso através do conhecimento da simbologia ancestral, que independente da sua fé, está presente no que somos, naquilo que constitui a humanidade, fortalece, alimenta e cura, o que conhecemos como natureza (barro, água, folha, tempo). Aceita? Vamos nessa!

ME (RE)VEJO PARA VER A OUTRA

Me vi flor
Me vi cor
Me vi dor
Me vi amor
Me vi incolor
Me vi inacabada.



ORAÇÃO

Além de agradecer...

Convido Exú para caminhar na frente

Entrego a Ogum os caminhos turvos

Peço a Oxum que compartilhe seu ouro, brilho e fertilidade

Levo em mim a atenção que Oxossi me ensina
a ter para caçar o que busco

Quero ser sempre criança como Logum

Continuar acreditando no amor com a mesma força que Obá

Ser tempestade e vento de Oyá quando
precisar afastar o que carece estar longe

Nunca cansar de pedir a Xangô que me faça sempre justa

Ir sempre a luta assim como Ewá, a guerreira

Pisar leve e firma com a paciência de Nanã

Estar envolvida pelo colorido do arco-íris
de Oxumarê, o próspero

Quero ter as habilidades de Omolú
pra me curar das feridas da vida

Respeitar a natureza e aprender com
Ossain o mistério do segredo

Acreditar no Tempo de Irôco, pois só ele dará respostas

Emanar a paz pra viver no mundo coberta pelo manto de Oxalá

Estar cercada pela alegria infinita do Erês

Máximo respeito à senhora dos Orís e pedir sua licença para
buscar sabedoria e força nas águas de Iemanjá.

Nada abalará a minha fé. jogando o corpo no solo,
batendo cabeça no chão e com a mãe no peito (re) afirmar,

TENHO EM MIM ORIXÁ!



Sobre a performance

Performance híbrida, denominada Portal dos Ojás

Pesquisa e criação, direção e figurino:

Maria da Conceição Freitas

Fotografia e direção de arte:

Maria Teresa Freitas Sangumba Isaac

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Gersonice (Ekedy Sinha) Azevedo. SANTOS, Fernando Batista dos. No candomblé, do alá ao ojá: tecidos vestem, protegem e sacralizam. XVII ENECULT, 2021.

MIRANDA, Eduardo O. Corpo-território & educação decolonial: Proposições afro-brasileiras na invenção da docência. Salvador : EDYFBA, 2020.

PEREIRA, Hanayrá Negreiros de Oliveira. O axé nas roupas: indumentária e memória negras no candomblé angola de Redandá. 2017. 133 f.: il. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2017.

SANTOS, Erisvaldo Pereira dos. Formação de Professores e religiões de matrizes africanas: um diálogo necessário. Belo Horizonte: Nandyala, 2010 – Coleção repensando África.

SILVA, Ana Célia da. Desconstruindo a discriminação do negro no livro didático. 2ª ed. Salvador: EDUFBA, 2010.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA. Congresso Nacional: LEI Nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. LEI Nº 11.645, DE 10 de março de 2008.





HILSON OLEGARIO

FAYOGBÁ
EWÉ:
recebemos
as folhas
com alegria

*Estratégias metodológicas ativas e
criativas para o enfrentamento ao racismo
e a LGBTQIA+fobia em Pernambuco*



A TERRA BOA

Aquela mesma boa terra
O seu território mudou
Implantada pelo invasor
A colonização que é guerra
Com a soberba de quem erra
O orgulho de quem não sabe
Cobertos de Vaidade
Este caminho não se encerra

A TENTATIVA DE APAGAMENTO

O ano de 2021 na *Escola Estadual Professor Nelson Chaves*, no município de *Camaragibe (PE)*, foi repleto de lutas políticas que visavam um fortalecimento e um reconhecimento identitário da diversidade presente nesta comunidade escolar. Participei dessas lutas me identificando de forma mais legítima e íntima com os integrantes das matrizes *afro-indígenas* que compõem nosso contexto urbano.

A escola atende a uma comunidade territorial majoritariamente evangélica neopentecostal, o que veio trazer muitos desafios relacionados à *intolerância* dentro do espaço escolar em relação a outras práticas culturais ou religiosas, evidenciando o preconceito velado presente no bairro em que a escola se localiza. Por isso, a instituição propôs a uma acolhida e um cuidado na forma mais ampla possível para receber seus estudantes, moradores locais e da circunvizinhança atendida.

Logo no início da volta às aulas presenciais, ainda sob a fragilidade da pandemia de *covid-19*, durante a primeira semana da acolhida aos nossos estudantes colocou-se na entrada da escola uma placa onde estava escrito em linguagem neutra a expressão “*bem vindes*”, sem

imaginarmos esse ato seria rebatido com a atitude descompensada de uma parlamentar do *estado de Pernambuco*, a qual invadiu a escola com a sua equipe, fazendo vídeos para o *Instagram* e causando tumulto entre os estudantes presentes naquela sexta-feira.

Este momento é marca de quando o corpo pedagógico foi acusado de praticar o que os religiosos fundamentalistas, impondo suas convicções *morais*, chamam de “*ideologia de gênero*”. Em seguida, se deu contra a escola uma *inundação* de denúncias anônimas infundadas no *Ministério Público de Pernambuco*, incluindo dentre elas que haveria *macumba* dentro dos vasos das plantas do pátio escolar. No entanto, as investigações concluíram que não havia relação alguma com a realidade encontrada na escola.

Todas essas acusações chegaram de forma violenta, tanto presencialmente, como em ambiente virtual. Expuseram alguns estudantes e demais integrantes da comunidade escolar, mas não tiveram desdobramentos no seu segmento protocolar, pois careciam de fundamentação real para além da tentativa de apagamento da história afro-brasileira presente naquele território. Geraram apenas custos e desgastes dos recursos públicos, sejam eles de pessoal ou até mesmo financeiros, onerando e desmerecendo os impostos pagos com o suor do trabalho de cidadãs e cidadãos no Estado de Pernambuco como um todo, visando desacreditar o trabalho de *acolhimento* com uso de *ferramentas e tecnologias sociais* desenvolvido pela escola para uma educação que favoreça a construção do aprendizado dos estudantes para o *exercício da cidadania* em uma sociedade *democrática e laica*.

SEMENTE PLANTADA

Com respeito ao fundamento
Desta natureza divina
Pois assim nem se imagina
Diante todo discernimento
Passando no pensamento
Da providência ancestral
Muito além do racional
Semente desdobramento

ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA

Como *homem preto não retinto, sacerdote do Candomblé Nagô de Pernambuco*, tradição presente no *Ilê Axé Orinسالà Talabì*, na cidade de *Paulista (PE)*; mestre em *Ensino de Filosofia* pela *Universidade Federal de Pernambuco*, professor responsável pelas disciplinas de *Filosofia* e de *Sociologia* daquela escola na época dos acontecimentos e *Mestre da Cultura Popular* pelo *Boi da Mata no Recife (PE)*; fundamentado nas Leis nº 7.716/89 (Lei do Racismo), 10.639/03 e 11.645/08 (da História e da Cultura Afro-brasileira), junto às orientações da *Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2018*, do *Currículo de Pernambuco* e de seus *Itinerários Formativos*, de 2022; senti-me na *obrigação* de buscar *estratégias, ferramentas pedagógicas ativas e criativas* que pudessem, de modo eficaz, trabalhar a importância do *reconhecimento* e da *valorização* dos *saberes* e dos *fazeres afro-indígenas* presentes nas culturas conhecidas como *populares*. Entendo essas culturas como as reais detentoras da salvaguarda de *tecnologias ancestrais* de *sobrevivência* e de *manutenção* destes conhecimentos: elas são constituintes do cotidiano de grande parte da população brasileira além de, evidentemente, terem como *fundamento* as *comunidades tradicionais* de povos *originários* e *afrodiaspóricos* dentro de suas *singularidades* e de suas *cosmopercepções* territoriais.

Necessariamente, os diversos aspectos que envolvem a amplitude das *singularidades* presentes na *história* e na *cultura afro-brasileira*, são sim, cruzados não só pelas questões de *gênero*, da sua *culinária*, da sua *estética*, do manejo da *natureza* com o respeito a existência *integral* e *ancestral* destas comunidades, mas principalmente pelas *memórias* das muitas violências impostas no processo da *colonização brasileira* – violências advindas da tentativa da *naturalização* da *ordem social* vinda de fora, legitimada pela *religião* tida como oficial, pela *moralidade* e pela *legalidade* de um *Estado heteronômico* iniciado pela *Coroa portuguesa* e financiado por outras *nações* desde os anos de 1500. Apesar das diversas *mudanças políticas* nas formas

e nos *sistemas de governo* em nosso processo histórico, muitos desses comportamentos racistas que atingem nossos corpos e mentes são frequentes no cotidiano da nossa sociedade e devem sim, ser combatidos com *exemplos práticos*, a partir da *educação*.

Essas atitudes não buscam *vingança* contra os povos *colonizados*, que persistiram em nosso apagamento e sujeição. O alvo principal é construir o importante *exemplo* para o mundo de como podemos lidar de forma *responsável* e sem *culpa* com as *marcas difíceis* de um passado que compõe a nossa *memória*; evidenciar a riqueza de *estratégias de sobrevivência* destes povos, a *manutenção* de seus *saberes* e *fazer*s que dão fundamento a nossa tão ampla e bela *cultura*.

Essas atitudes são aquilo que *cultivamos* como *cuidado* e *respeito* com a *nossa* própria *natureza*, sem esmagar a composição da *diferença*, a *singularidade* de nenhum outro povo; elas servem como nossa *ferramenta* de luta contra a *dominação*, a *hegemonia* e o espraio de uma *monocultura* imposta ao *pensamento humano*; elas *firmam* o *fortalecimento* das nossas identidades, sem com isso permitir a sobreposição de um povo sobre outro; elas ensinam a utilizar as peças deste sistema para mostrar *ao menos* um modo afro-brasileiro de participar do *equilíbrio dinâmico* da *diversidade* da vida, respeitando a natureza de forma *integral*.

SE O TEMPO AJUDAR

O tempo um dia vai mudar
Não vai ser bom para sempre
Nem mercadoria que se compre
Ou lugar para se acomodar
No conforto nos deitar
Enquanto sofre o nosso povo
Proporemos um ciclo novo
Para a natureza celebrar

A VIDA NÃO É FÁCIL

Depois de criar um *mapeamento* da violência vivida pelos estudantes e constatar que muitas vezes ela começa no próprio seio familiar das comunidades, resolvemos junto a gestão trazer para a escola debates com lideranças *políticas* (uma co-deputada estadual), *religiosas* (um pastor anglicano e este professor, sacerdote do candomblé), junto a uma *educadora indígena* do povo *Guarani* para demonstrar a importância da percepção de uma *amplitude* de *horizontes possíveis* de modos de ser e de viver — diálogos de formação que fomentam o combate à *ignorância*, à *intolerância* e ao *preconceito* encontrados e justificados no *racismo estrutural* desde a formação da sociedade brasileira, e que me dispus a enfrentar como *obrigação*, como *dever* de *professor* e de *pessoa* no seu *exercício da cidadania*.

Além destes férteis debates, foi criado o primeiro *Grupo de Estudos de Gêneros e de Sexualidades da Escola Professor Nelson Chaves*, como também o projeto *Fayogbà Ewè: recebemos as folhas com alegria* elaborado para trabalhar os *saberes* e as *memórias* dos estudantes em relação ao uso das plantas dentro da medicina tradicional popular, das *raizeiras* e das *benzedadeiras*, ferramentas que hoje são valorizadas na formação e implementação de *farmácias vivas*.

Após incentivar a pesquisa tanto nas *plataformas* e nas *ferramentas virtuais*, nos *livros* presentes na *biblioteca escolar*, como também e principalmente na *memória*, nas práticas e nos saberes de seus *mais velhos*, como seus avós, tios e vizinhos, conseguimos facilmente relacionar *saberes* encontrados nas práticas familiares com as *cosmopercepções* presentes nos *encantados* da *Jurema Sagrada*, nos *Oriás* do candomblé Nagô e nos *saberes populares* mantidos em suas comunidades, pois, muitos dos estudantes fizeram colocações relatando que seus avós, suas tias etc. tiveram essas práticas e esses cultivos de determinadas plantas nos *quintais* de suas casas; mas que muitos deles não os realizavam mais por conta da religião atual e dos atendimentos médicos que lhes prescrevem receitas de *remédios vendidos* nas farmácias do bairro.

Com estas informações, iniciamos com *três turmas dos primeiros anos* outra pesquisa com plantas, abordando tanto as perspectivas dos povos tradicionais como também as suas determinações *científicas*, como seus nomes e seus *princípios ativos*. Foram selecionadas três plantas, a terramicina, a colônia e o boldo do chile, para após as pesquisas, realizar os seus plantios nos canteiros do pátio da escola junto com uma apresentação destes conhecimentos para as demais turmas e professores do ensino médio. Estudamos sobre a relação destas plantas com as *divindades Yorubás* (Yemanjá, Oxalá, Ogum, Xangô, Yansã etc.) e entidades da tradição afro-indígena da *Jurema Sagrada do Rei Salomão* (Reis Malunguinhos, os Caboclos etc.), assim como o seu uso popular para o tratamento de algumas doenças e inflamações como febres, dores de cabeça ou cólicas menstruais, ansiedade, atuando como anti-inflamatórios, bactericidas entre outras coisas.

Já no ano de 2022, estes canteiros e o projeto se estenderam para as novas turmas dos primeiros anos, com a realização da continuidade de seu zelo e de seu *manejo*, aguando, adubando, regulando seu crescimento. Além das pesquisas sobre cada uma delas, suas relações simbólicas, também foi confeccionado um material gráfico que foi exposto na escola, utilizando as suas folhas e os seus caules para a realização da pintura em papéis, com o uso de desenhos de temática livre, os quais foram apresentados para as demais turmas e professores do ensino médio.

UM DIA ELA HÁ DE BROTAR
Não uma só, e sim várias
Raízes, folhas e frutos
Surgindo em meio a insultos
Daquelas forças arbitrarias
Tidas como desnecessárias
Surgem como potência temporal
De um passado-futuro ancestral
De Xangô, a justiça incendiária

O APRENDIZADO ANCESTRAL

QUE FICA

Assim como anteriormente, os *ciclos* que se cruzam e se desdobram ao infinito nos trazem *símbolos* de força e de continuidade para, em algum momento, a partir de *reinterpretações* com olhares para o passado podermos caminhar adiante, construindo caminhos de libertação nas *matas*, nos *rios*, nos *oceanos* e nas *montanhas* dinâmicas que exprimem a vida.

É com esta perspectiva que escrevo este texto, um *trabalho* proposto por uma *residência de criação* para professores, oferecida por uma instituição séria, que tem a sua ancestralidade vinda das *caravelas*, das *capitanias hereditárias*, dos períodos “*áureos*” dos *engenhos* e dos *acontecimentos* para chegar na *sociedade recifense* do início do *século XXI*. Faz sentido que o seu *idealizador*, mergulhado em símbolos de diversas culturas como *ovos*, *árvores*, *pássaros* e *serpentes*; resgatasse o *arco* e as suas *flechas* para as *matas da Várzea* (Kilombo do Catucá); empunhasse o *Ofá* de *Odé* como a *forma perfeita* e tivesse o *fogo*, de Xangô e de Heráclito, como o elemento de *transformação*, *purificação*, *justiça* e *finalização* para a abertura de um *novo começo*. Nos dias de hoje e *pelos horas que são*, a *Oficina Francisco Brennand* assume sua responsabilidade em não buscar *apagar* o seu passado, e principalmente, o compromisso de *reconstruir* um novo entendimento: o da *importância* da contribuição destes *povos* de matrizes *afro-brasileiras* para a sobrevivência de toda a *diversidade* existente neste vasto território. Aqui, minha contribuição se dá a partir de uma vivência no mínimo desconfortável, da simples experiência de um professor dentro da escola pública.

Desta forma agradeço a meus *ancestrais consanguíneos* que entre os tantos dos *Santos* e das *Silvas*, dos avós, tios, pais e mães *puxados nos laços* pelas matas, invisibilizados em seus fazeres, em seus sobrenomes e em suas *árvores genealógicas*; restando a nós os traços identitários forjados e mantidos pela cultura; agradeço a *Deus* e a

minha *ancestralidade espiritual* que nos *fortalece* e nos *sustenta* diante das *pembas* do cotidiano, mostrando como é a vida dos *filhos de bambas*; que guardam nossos *orís* dos *ajoguns*, lembrando sempre que devemos valorizar a vida em seus diversos aspectos, nas folhas, nas flores, nas raízes e nos frutos, mas sobretudo e também nos espinhos.

ATÚMÒ-ÒRÒ

DICIONÁRIO

Ajogun Energias contrárias, desequilibradas

Caboclos Entidades representantes dos povos originários destas terras

Encantados Entidades cultuadas e acolhidas pela Jurema Sagrada

Ewé Folha

Fayogbá Recebemos com alegria

Malunguinho Reis ou lideranças quilombola de enfrentamento ao Estado colonizador

Ogum Oriśá civilizatório, guerreiro fazedor de ferramentas, simboliza o metal e a tecnologia

Ori Cabeça

Oriśá Elemento da natureza que guia nossa cabeça

Orinśalá Um dos Oriśás mais velhos, simboliza o ar, a paciência, a sabedoria

Xangô Oriśá que representa a justiça através da própria natureza, simboliza o fogo

Yansã Oriśá mãe guerreira, simboliza o vento e o raio que varre os ambientes

Yemanjá Oriśá que representa a mãe cuidadora dos filhos peixes, as águas das praias



A Flecha sou eu



*A consciência dos
movimentos que
nos avançam*

TERESA FRANÇA

Prezado interlocutor,

É com imenso prazer que lanço um ofá em direção a nossas práticas educativas e a fim de atingir as múltiplas participações que circundam este universo. Faço isto pois sei que estar nos espaços educativos é um exercício de militância do cotidiano.

Estudamos e aprendemos com os nossos antepassados que pintavam, desenhavam, esculpam e modelavam antes de nós. Saberes que precisamos sedimentar, destruir e reconstruir. É chegada a nossa hora de assumir o papel de curador. Escolher conteúdos, produzir nossas estratégias de ensino e selecionar os temas para debate.

O Ofá torna-se arco em nossas mãos e dispara sua flecha, tendo como alvo a transformação das relações no nosso país.

Você deve estar se perguntando, transformar o quê?

Eu te respondo: Primeiro construir uma percepção crítica das relações étnico-raciais no Brasil e, então, traçar um caminho de saída deste lugar colonizado. Neste caminho, a educação surge como flecha.

Esta convocação é para você que clama por uma escola pública de qualidade: assumir o lugar da flecha que rasga o caminho. E como flechas, falaremos a língua, sem preconceitos com lugares determinados para indígenas, negros e eurodescendentes. Só assim poderemos pensar num sentido de equidade, ou naquilo que disso seja possível.

Voltemos um pouco no tempo e pensemos os períodos históricos que constituem o Brasil de hoje. Nos períodos do Brasil Colônia, Império e República, vigoraram leis, escritas ou não, permissivas com a discriminação racial e que reverberam seus efeitos até hoje, impossibilitando a população afrodescendente de exercer representatividade nas instancias decisórias do país.

O Brasil, Colônia, Império e República, teve historicamente, no aspecto legal, uma postura ativa e permissiva diante da discriminação e do racismo que atinge a população afrodescendente brasileira até hoje. O Decreto nº 1.331, de 17 de fevereiro de 1854, estabelecia que nas escolas públicas do país não seriam admitidos escravos,

e a previsão de instrução para adultos negros dependia da disponibilidade de professores. O Decreto nº 7.031-A, de 6 de setembro de 1878, estabelecia que os negros só podiam estudar no período noturno e diversas estratégias foram montadas no sentido de impedir o acesso pleno dessa população aos bancos escolares.

Matilde Ribeiro, Ministra Chefe da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (2003–2008), Apresentação do SEPIR, in Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, Brasil, 2005.

Estamos no século XXI e ainda precisamos de educação de jovens e adultos, cujos alunos são de maioria preta e de regiões de periferia. Os efeitos dessas decisões, que parecem antigas, ainda inferem nos acessos desta população no Brasil de 2023.

...

Estou conversando muito e tu não sabes quem eu sou. No caminhar do texto, talvez seja possível perceber que sou uma mulher negra, professora do ensino fundamental e ativista na luta contra o racismo antinegro.

Me chamo Teresa, sou de Pernambuco, filha de uma família negra, oriunda do trabalho nos engenhos em Goiana e vinda para a capital em busca de melhores condições de vida (trabalho doméstico na casa de portugueses). Fui educada pelas tias Creuza, Chiquinha e Amélia. Amélia e seu marido, que não tinham filhos, me incluíram no seu projeto de vida e, assim, estudei e concluí o curso pedagógico cinquenta por cento pelo governo federal e a outra parte concedida pelo

colégio Vera Cruz, instituição que me acolheu e onde adquiri o direito a lecionar no jardim de infância e curso primário.

O gosto pelo estudo foi desenvolvido e mantido ao longo dos anos. Assim, ingressei em 1970 no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco que concluí em 1975 munida de ferramentas para o desenvolvimento crítico do saber que seria partilhado.

...

1978 foi um ano de lutas e união de forças entre militantes em defesa da democracia. Muitas pessoas negras se envolveram nas reivindicações políticas e protestos da época e nesses encontros passaram a se organizar enquanto movimento permanente. Assim nasce o Movimento Negro Unificado (MNU), uma das organizações mais emblemáticas do Brasil contemporâneo.

O MNU articulou o país de Norte, Nordeste, Sudeste e Centroeste e Sul. Um movimento de resistência e aquilombamento de alcance nacional e, com certeza, munido das forças e bênçãos de OXALÁ e OLORUM.

Em 1979, atuei na formação do Movimento Negro no Recife. Éramos cinco que se transformaram em mais de mil, daí em diante foi um caminho sem volta. Organizamos a 1ª Semana da Consciência Negra e, em parceria com militantes da Paraíba, o 2º Encontro Norte e Nordeste. Participamos da articulação para a Marcha Zumbi dos Palmares a favor da afirmação da identidade negra — uma série de conferências municipais para a igualdade racial.

Além dessas citadas ações, atuamos também na formação de lideranças e conquistas nos espaços acadêmicos, instituições cuja base é o pensamento eurocentrista. Uma luta e, com certeza, uma conquista para novas gerações de pessoas negras que adentrariam a universidade nas décadas seguintes.

Ficamos visíveis na cidade e nas pautas de TV e jornais da época. Tivemos uma de nossas companheiras, Vera Regina Paula Baroni participando da Conferência de Durban, que ocorreu na África do Sul em 2003, e da qual o Brasil foi signatário. Vera nos explica que sendo o país signatário, o mesmo tem direito a voto através de seu embaixador e assina o documento final tendo que cumprir as decisões mesmo que não estejam expressas na constituição. Uma posição de extrema importância na Conferência.

Vera, companheira de militância e de longa data, tem formação acadêmica no contexto das lutas populares, na defesa dos direitos humanos, no enfrentamento do racismo religioso, na luta das mulheres negras e militância em partido político. Uma história muito bonita pra ser contada em outra conversa. Ela diz sempre:

Quem transforma a sociedade é o povo organizado.

Além de ter sido um marco, ao unir as lutas antirracistas de vários países, a Conferência de 2003 nos deixa cinco pontos importantes:

- 1 A ONU adota, oficialmente, o termo afrodescendente e deixa evidente que grupos específicos sofrem com racismo e discriminação;
- 2 A discriminação racial é abordada de um modo interseccional e transversal ou seja, existe o reconhecimento de que as opressões de raça se articulam com gênero, localização geográfica, posição social e outros fatores;
- 3 Afirma que os Estados têm papel central no enfrentamento ao racismo e chama os países a desenvolverem políticas específicas para negros nas áreas de saúde, educação, segurança, entre outras;
- 4 Considera a escravidão e o tráfico de pessoas escravizadas enquanto crimes contra a humanidade, que requer reparação histórica;
- 5 Introduce, no âmbito global, o antirracismo como fator central no desenvolvimento dos países, uma virada

conceitual que ocorreu devido a ampla participação de ativistas representantes da sociedade civil e especialistas, em especial do Brasil.

“O legado da Conferência de Durban para o Brasil”.
Conectas. <https://www.conectas.org/>

Os ativismos do movimento negro, ao longo do século XX, apontam para a necessidade de um marco legal que formalize nos currículos escolares a história dos africanos e dos afro-brasileiros, assim como o compromisso de traçar diretrizes curriculares nacionais para a educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e Cultura afro-brasileiro e africana no Brasil. Parece redundante, mas é importante pontuar a presença da Lei 10.639, sancionada em 2003 pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, efetivando o compromisso de campanha, e o documento homologado pelo Ministro da Educação em 19 de maio de 2004. A Lei 10.639/03 completa 20 anos de vigência no país em 2023.

Ao olharmos para os currículos escolares, como percebemos a implementação desta lei no cotidiano de ensino?

...

Nasci em 23 de abril de 1951. Casei com Jorge de Moraes, que já faleceu, e com ele tive três filhos, os meninos Onilé e Ayodê e uma menina, Oluyá.

...

Particpei do GTERÊ, grupo de que atende ao componente municipal item do programa de combate ao racismo institucional (PCRI). Na época, era servidora da Prefeitura Municipal do Recife e professora polivalente na Educação Infantil e Fundamental 1. No Grupo de trabalho em Educação das Relações Étnico-Racial, eu representava a Diretoria de Formação Continuada.

A proposta do projeto surge da plenária de Negros e Negras do Orçamento Participativo 2004 e da primeira Conferência Municipal de Promoção da Igualdade Racial, e tem como objetivo desenvolver ações de enfrentamento do racismo no cotidiano escolar tais como formação para os professores, gestores, acompanhamento de projetos e promoção de eventos relacionados ao tema. Foi uma experiência muito diferente, pois, eu estava atuando no campo da gestão.

...

Acho que está na hora de dividir com vocês, leitores desta conversa, um pouco das vivências que me transformaram em educadora. As que demandaram muita dificuldade e sofrimento ficarão para um outro momento, se um dia houver.

No início da conversa denunciei o descaso com a educação de jovens e adultos e um dos meus maiores desafios foi com este segmento. Tenha um pouco de paciência, pois preciso contar esta história.

...

Em 2005, estava na Secretária de Educação de Olinda na gestão do Professor Horácio Reis, e a mesma fazia interface com a secretária de Políticas Sociais. Nesta ocasião fui coordenadora do Programa Jovem Aprendiz.

A partir da minha atuação no Programa Jovem Aprendiz, fui convidada pela assistente social Ana Elizabeth para ser monitora do projeto de formação de pedreiros, que estava dentro do programa Operação Trabalho, e tinha financiamento do Governo Federal.

Após um processo seletivo, 20 pessoas de diversas idades e níveis de aprendizagem, moradoras do Pina, sem casa própria, foram escolhidas para construir suas próprias casas no conjunto residencial

Sítio Salamanta. No turno da manhã, o grupo atuava no canteiro de obras acompanhado de um engenheiro, e à tarde estudavam comigo no barracão. Imaginem vocês, que foi neste momento que descobri ter uma metodologia própria, construída ao longo dos processos de formação oferecidos pela prefeitura do Recife, TV escola, Escolinha de Arte e outros.

Percebi que primeiro era necessário criar vínculos entre as pessoas do grupo, tornar a aprendizagem significativa, exercitar a ação e reflexão através das leituras de mundo e avaliar o processo de aquisição do conhecimento junto com o aluno. Adotamos o hábito de fazer relatórios diários junto aos estudantes. Além dos exercícios diários de escrita, recursos como desenho, pintura e modelagem surgiam e eram incentivados como formas de expressão com o mesmo valor da escrita. Este conjunto de atividades faziam parte da rotina do grupo.

Os exercícios de construção de textos simples, em coletivo, funcionavam como facilitadores de aproximação entre o grupo e também construíam intimidade com elementos gramaticais, expandindo as ferramentas de escrita de cada estudante. Uní-los a linguagens mais abstratas e sensíveis era uma forma de dar vazão à expressão de autorrepresentação e valorização dos significados produzidos por cada um deles e percebemos resultados positivos nesta metodologia.

...

Faz muito tempo que iniciei a vida profissional, em 1969. Ao longo deste tempo, guardei muitas histórias e esta que vou contar agora reverbera até hoje em minha experiência de educação.

...

Em 1972, durante o Festival de Inverno de Ouro Preto, realizado pela UFMG, conheci a professora Teresa Barros. Estávamos participando de uma imersão de 30 dias, num projeto com aulas e momentos de apreciação. Claro que meu curso era de formação de professores, nele tive o

prazer de conhecer Terezinha Apocalypse, diretora do Grupo Giramundo de teatro de bonecos.

Os anos se passaram e em 1980, Teresa convidou-me para participar de uma cooperativa de professores. Nesta década as escolas alternativas se expandiram por todo país criando novas formas de relacionamento com o saber e a aprendizagem. Muitas delas difundindo o pensamento Freiriano, outras divulgando Celestin Freinet, Piaget, Anísio Teixeira e outros pensadores que embasaram uma pedagogia para um novo mundo.

Neste contexto, surgiu a escola Saltimbancos com sede no Bairro Novo, cidade de Olinda. Esta foi a experiência mais disruptiva da minha vida no âmbito profissional. Eis os motivos:

- 1 Participar da razão social de uma instituição escolar era algo que jamais havia imaginado.
- 2 Ser membro de uma gestão democrática composta por dez profissionais com direito a voz e voto. Algo desafiador, pois não sabia exercer meu direito, visto que sempre participei de práticas pedagógicas no lugar de subserviência.
- 3 Ser responsável pela minha prática na sala de aula.
- 4 Ter um educador de apoio para discutir erros e acertos, além de dialogar possibilitando reflexões sobre o discurso coletivo que estava sendo construído.
- 5 Vivenciar um processo terapêutico institucional com o objetivo de fortalecer o grupo.
- 6 Compreender a organização dos pais e as decisões a partir de assembleias.

7 Contar com uma assessoria pedagógica de acordo com as dificuldades do professor ou da gestão.

Nunca tinha imaginado uma escola neste formato e, muito menos, participar da resolução dos conflitos na gestão financeira, nas relações interpessoais e nas questões ideológicas. Foi nesta escola que aprendi a alfabetizar e respeitar as decisões do grupo, mesmo com divergência.

A era Fernando Collor foi muito difícil e fragilizou bastante o grupo devido a política econômica neoliberal. Neste sentido, a atuação dos pais foi extremamente relevante para a manutenção da escola. No ambiente da escola havia uma discussão política permanente.

Esta escola chegou ao fim, após nove anos de atuação, mas continua viva e pulsante, nos grupos que continuaram o projeto, naqueles que foram integrar a rede estadual de ensino e nos que foram para a academia defender suas teses.

Hoje sou professora de Artes do Instituto Capibaribe e ocupo o lugar no qual iniciei minha vida profissional, compreendendo a sala de aula como um espaço político e continuo provocando o debate racial que ocupa muito espaço no mês de novembro na sociedade, mas que para mim, esta luta é meu sopro de vida.

...

Conto com vocês para deixar o mundo melhor do que encontramos.

SERMOS FLECHA

Axé Kolofé Olorum



A FLECHA

Mato, moita, caça, lá vem ele
o dono da mata!

Na mata, o senhor da flecha
observa a caça.

A caça se esconde na moita,
mas não da flechada.

No mato aponta sua sabedoria
em forma de flecha
e usando o arco atira e me
ensina a não ser a caça. Okê!

O saber ancestral praticado e compartilhado

Dona Baia, aos 88 anos, uso de plantas secas para fazer garrafadas medicinais.



A Educação mudou a minha vida para eu mudar a vida de outras pessoas.

GEISIANE PAULA

Sou Geisiane Paula Pacheco da Silva. Quilombola, resido no Quilombo Povoado Demanda, no Engenho Siqueira, no município de Rio Formoso, Litoral Sul de Pernambuco. Sou uma mulher negra ativista da educação e mãe, professora quilombola e pretendo no futuro estudar para ser uma advogada e poder cada vez mais ajudar minha comunidade juridicamente. Sou agricultora, pescadora e artesã, descendente de povos originários indígenas e quilombolas. Tenho orgulho de ter estudado em minha infância na Escola José Minervino Roberto, nome dado em homenagem ao meu Bisavô, doador do terreno e onde a escola fica localizada até hoje, na Granja Boa Vista nº 67. O Engenho Siqueira foi a primeira comunidade a ser reconhecida como comunidade remanescente de quilombola em março de 2005, dentro dessa região existem 105 granjas das quais cinco são do território quilombola do Povoado Demanda.

O início da minha formação escolar deu-se no grupo escolar da minha cidade na Escola José Minervino Roberto, o segundo segmento escolar foi na faculdade José Lacerda Filho de Ciências Aplicadas – FAJOLCA, onde me formei em Pedagogia e me especializei em Psicopedagogia Clínica e Institucional. Iniciei outra especialização pela Faculdade Venda Nova do Imigrante – FAVENI em Educação Quilombola e Cultura Afro e estou cursando o curso de Gestão Escolar. Em 2023 iniciei na Faculdade Leão do Norte o curso de Psicanálise e Hipnose.

O contato com a pedagogia de Paulo Freire e a prática pedagógica marcam minha trajetória de vida no processo de alfabetização. Tive destaque como liderança da juventude e uma trajetória política e educacional, desenvolvida por meio do Movimento de Educação de Base Comunitária. Nesse movimento, exerci diversas funções: fui professora, coordenadora e liderança local. Fui a primeira mulher negra ativista a assumir a presidência de uma associação de mulheres quilombolas.

Minha militância vem de berço, através dos meus bisavôs, pais e parentes. Em 2015, comecei a participar das ações da comunidade e do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Rio Formoso. Desde então, venho me aperfeiçoando no movimento social. Em 2014, comecei a fazer parte da Comissão de Jovens Multiplicadores e Multiplicadoras da Agroecologia. Em 2015, iniciei na Comissão de Jovens do Sindicato de Trabalhadores Rurais (STR) de Rio Formoso,

sendo eleita na Comissão de Juventude Rural – CEJOR representando as juventudes do Polo Sindical da Mata Sul (Federação dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares do Estado de Pernambuco – FETAPE), e também como Coordenadora das Comunidades Rurais Quilombolas de Pernambuco e Coordenação Nacional de Articulação de Quilombos – CONAQ.

Sou escritora e fiz matérias sobre a juventude junto ao Centro Sabiá e também do Jornal Voz das Comunidades Populares, em Feira de Santana (BA). Em 2016, passei a ser coordenadora do Fórum de Juventude de Pernambuco (FOJUPE), e em 2020, fundei, junto com 15 mulheres, a Associação União das Mulheres Agricultoras e Pescadoras Quilombolas, onde sou atual presidenta.

O projeto de estudos, debates e trocas de experiências com jovens quilombolas é muito importante, pois criamos O “Ecotur Quilombola”, um projeto de Turismo de Base Comunitária, que passou a considerar nosso território como um espaço tradicional com potencial para uma valorização econômica e turística com o saber ancestral e nossa cultura local.

Um momento de grande importância para o nosso povo, foi em 18 de junho de 2016 quando recebemos a visita técnica de Leonardo Santana, representante da Fundação Cultural Palmares, que veio com o intuito de investigar e reconhecer a Comunidade Remanescente do Quilombo Povoado Demanda como uma comunidade quilombola, fundada por povos quilombolas originários que já viviam nesta localidade desde 1912 e que a partir de 1958 conseguiram comprar essas terras, ainda hoje ocupadas pela nossa negritude quilombola. Em março de 2017 recebemos nossa certificação de comunidade remanescente de quilombo, momento marcante onde pude ver nos olhos das pessoas a esperança de nosso povo guerreiro erguido e que sempre acreditou na mudança e fortalecimento da identidade negra.

O processo de patrimonialização dos quilombos exigidos pela constituição Federal Brasileira de 1988 tem sido efetuado por conta do Decreto 4.887/2003 que ao conceituar o que seja Comunidades Remanescentes de Quilombolas, possibilitou identificar, reconhecer, delimitar, demarcar e titular as terras ocupadas pelas comunidades descritas no artigo 68 das Disposições Constitucionais Transitórias – ADCT. De fato, esse

reconhecimento das comunidades quilombolas no Brasil não se tratou de um ato dado pelo Estado brasileiro, mas sim, dos desdobramentos das reivindicações de categorias sociais juntamente aos movimentos sociais no campo desde a década de 1970.

EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA

É muito importante que os professores sejam quilombolas e trabalhem nas escolas quilombolas de suas comunidades, pois destacamos uma Educação Escolar Quilombola antirracista, diferenciada e contextualizada com os modos de ser, fazer e lutar dos quilombos, articulando conhecimentos requeridos na Lei 10.639/2003 e 11.645/2008, para que sejam trabalhadas as ferramentas adequadas para implementação da educação quilombola no cotidiano profissional, com implementação de formação continuada voltada à essa comunidade. Os professores precisam ser valorizados, pois trabalham saberes tradicionais como aspectos geográficos, questão ambiental, saúde, território, cultura, religião e educação.

A garantia da participação plena dos membros das comunidades quilombolas, dos anciãos e das lideranças no processo de formação dos gestores, coordenadores pedagógicos e professores trata-se, também, de uma proposta inovadora e pioneira no sentido de valorizar, reconhecer e potencializar saberes, conhecimentos, tecnologias e formas específicas de cuidar, valorizar e preservar os conhecimentos tradicionais. Valorizando as suas visões de mundo, modos de vida, saberes e o processo de reconhecimento do território quilombola, com base em identidades étnicas, especificidades culturais e memórias sociais.

Para mim, dar aula em uma comunidade quilombola transcende a missão educacional, é um compromisso com a qualidade de vida e valorização da identidade negra cultural, é uma jornada emocionante, repleta de desafios que moldam não apenas os alunos, mas também o professor. A cada dia lembro daquilo que transcende as paredes da sala



de aula e floresce quando fundamentado no respeito, na empatia e no comprometimento com o desenvolvimento integral de cada indivíduo e na valorização dos profissionais da educação

A escola caminha de mãos dadas com a comunidade, tudo que envolve o quilombo envolve a escola e vice-versa. Passando a valorizar os conhecimentos deixados pelos nossos ancestrais, constituindo saberes que são repassados de geração em geração, buscamos discutir as diferentes identidades culturais e construir uma reflexão acerca da identidade quilombola local, tanto no que abrange a sua individualidade, quanto a sua posição no âmbito social e coletivo.

A diversidade dessa comunidade é uma constante fonte de aprendizado e troca de saberes. Cada aula torna-se um intercâmbio enriquecedor de experiências, onde os educandos compartilham tradições familiares, narrativas ancestrais e expressões artísticas únicas. Aprendo cada dia a valorizar e entrelaçar essas riquezas culturais em meu ensino, tornando as aulas não apenas envolventes e relevantes para os educandos, mas também um cântico de ensinamento para mim.

A partir da aplicação dos estudos da história e cultura afro-brasileiras na Escola José Minervino Roberto, começamos a produzir com os estudantes um registro escrito sobre as plantas medicinais e africanas, incluindo o seu cultivo, preservação e como podemos fazer uso de cada uma. Ampliando o interesse dos mais novos nessa prática tradicional tão importante para nossa comunidade. Trabalhamos com os alunos a cultura quilombola local, como o tecer, o artesanato, instrumentos musicais, danças, comidas típicas e tradicionais e o bloco da mocidade e o bloco da La-Ursa de Siqueira, valorizando nossa cultura e fazendo com que ela não seja perdida.

A importância dos estudos sobre a História do Negro no Brasil e da História da África, deve ser entendida como parte importante da construção da identidade do povo brasileiro e, em particular da população afrodescendente, através do qual, resgata-se uma dívida histórica, no registro histórico oficial, daqueles que colaboraram, em uma escala gigantesca, no acúmulo da riqueza

nacional e no complexo multicultural que caracteriza e personaliza o povo brasileiro.

Claudia Lima, *Reflexão sobre a história do negro no Brasil*.

Daí a necessidade de iniciar o trabalho com a história e a cultura afro-brasileira nos anos iniciais do Ensino Fundamental I, fase em que as questões de certo ou errado estão sendo desenvolvidas com as crianças. É de extrema relevância que elas tenham uma real noção do racismo e de suas consequências para a sociedade em que vivem, e assim, possam compreender a situação enquanto uma grande injustiça histórico-social. Mesmo ainda não sendo suficiente, atualmente, a legislação brasileira contribui de modo significativo na luta contra o preconceito. É também importante ressaltar que, juntamente com a lei 10.639/03, veio o artigo 79-B, que determina a inclusão do dia 20 de novembro como o “Dia Nacional da Consciência Negra”, um dia para refletir o real significado desta data, e lembrar com mais intensidade da importância do povo negro na construção de nossa sociedade.

Tendo atenção em relacionar nossa história local ao contexto histórico da chegada dos povos africanos no Brasil, a luta dos negros e a formação da nossa cultura afro-brasileira. Dessa forma, entendendo o que é um quilombo e o porquê dessa denominação, para que juntos, escola, pais e comunidade possam despertar nos estudantes o interesse da construção de suas identidades considerando a história do seu território.

Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender; e, se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar.

Mandela, *Longa caminhada até a liberdade*.

No processo de ensino e aprendizagem e apropriação dessas culturas, é de enorme importância dar oportunidade aos alunos de resgatar a cultura local, como as danças, músicas, religiosidades e artesanatos, além

de pensar num turismo de base comunitária, e discutir questões como da saúde quilombola, territorialidade, preservação dos rios e dos manguezais. Dessa maneira, auxiliando no processo de desmistificação relativo aos costumes religiosos e alimentares provindos das culturas de matrizes africanas, assim, promovendo o combate à intolerância religiosa e ao racismo através de novas experiências corporais e intelectuais.

Nesse contexto, o estudo e consumo de arte e cultura local contribui para que possamos compreender a simbologia que envolve a cultura afro-brasileira em todos os seus aspectos. Para Ana Mae Barbosa, é pela arte que “temos a representação simbólica dos traços espirituais, materiais, intelectuais e emocionais que caracterizam a sociedade ou grupo social, seu modo de vida, seu sistema de valores, suas tradições e crenças”. Para que nesse caminho também seja possível a criação de espaços para manifestações artísticas que proporcionem uma reflexão crítica da realidade e uma reafirmação positiva dos valores culturais negros, pertencentes à nossa sociedade.

A ESSÊNCIA DA VIDA

Em minha comunidade carregamos uma riquíssima tradição da cultura africana, que foi repassada oralmente e na prática, de geração em geração pelos nossos ancestrais: o uso das plantas medicinais. O poder das ervas nos faz encher de energia e transbordar de leveza. Traz consigo as misturas para que possamos nos debruçar e vivenciar essa sabedoria, obtida através das energias das árvores, rios e matas. E carregam ensinamentos dos nossos antepassados.

Amara Minervina de Paula, conhecida como Dona Baia, é uma senhora de 88 anos, que traz consigo o saber ancestral das ervas e da cura e nos passa esse conhecimento, que é de suma importância para que possamos dar continuidade ao saber prático e espiritual em nossa comunidade quilombola. Dona Baia sempre nos fala que já presenciou várias curas de enfermidade fazendo uso dessas plantas, porém, lamenta que esses

saberes já não são tão valorizados como antigamente. A sabedoria de nossa mais velha aponta para o uso das plantas medicinais como um recurso acessível que cura e salva vidas.

Além das ervas medicinais, temos a comida ancestral e tradicional. Temos aqui na comunidade quilombola o funji, uma comida que nossos ancestrais nos ensinaram e consumimos muito, os produtos da agricultura familiar e da pesca artesanal, como sururu, aratu, peixe, marisquinho, ostras, siri, caranguejo e camarão. Como também o artesanato, a música, a dança e cinema comunitário e a nossa biblioteca Arca das Letras que há mais de 20 anos vem ajudando nossos leitores em suas pesquisas e despertando cada vez mais o interesse em procurar sempre um livro para ler. Trabalhamos com a Associação das Mulheres Agricultoras e Pescadoras Quilombolas, em oficinas de artesanatos e práticas de agricultura, pesca artesanal, trilha agroecológica na mata e no manguezal, roda de diálogos com as lideranças mais velhas da comunidade, quintais produtivos e cinema comunitário.

A escola tem-se mostrado uma instituição educacional que dialoga com as necessidades e especificidades da comunidade quilombola onde está inserida por ser um espaço de interação sociocultural que considera a história, a vivência e os saberes afro-brasileiros. Consolidando assim uma educação que busca sistematizar em seu projeto político pedagógico as questões elencadas na legislação nacional para a Educação Quilombola, que são refletidas nas práticas educativas realizadas e vivenciadas no âmbito educacional e que estão contribuindo para a formação de sujeitos que valorizem a história, a cultura e a identidade quilombola. Sendo assim, temos agora dois desafios, o de manter as políticas públicas já conquistadas e de fazer com que continue acontecendo a implementação no chão da escola. E, nesse sentido, é preciso pensar uma educação à luz dos Planos Nacionais de Educação, das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Quilombola e para os Direitos Humanos.

REFERÊNCIAS

Para saber mais sobre o Quilombo Povoado Demanda: Conhecendo o Quilombo Povoado Demanda – Projeto Ação Fotográfica Centro Sabiá, 2023 <https://centrosabia.org.br/2023/10/05/conhecendo-o-quilombo-povoado-demanda-projeto-acao-fotografica/>

Lima, Cláudia. História Licenciatura. “Reflexão sobre a história do negro no Brasil”, 14 de setembro de 2008. <https://hid0141.blogspot.com/2008/09/reflexo-sobre-histria-do-negro-no.html>.

Mandela, Nelson Rolihlahla. Longa caminhada até a liberdade. Alta Books, 2020.

Barbosa, Ana Mae. Tópicos Utópicos. 1o ed. Coleção Arte & Ensino 2. Editora C/Arte, 1998.

Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília, 2004.



A escola do campo

Não vou sair do campo / Pra poder ir pra escola /
Educação do campo / É direito e não esmola /
O povo camponês / O homem e a mulher / O negro
quilombola / Com seu canto de afoxé / Ticuna,
Caeté / Castanheiros, seringueiros / Pescadores
e posseiros / Nesta luta estão de pé / Cultura
e produção / Sujeitos da cultura / A nossa
agricultura / Pro bem da população / Construir
uma nação / Construir soberania / Pra viver o
novo dia / Com mais humanização / Quem vive
da floresta / Dos rios e dos mares / De todos os
lugares / Onde o sol faz uma fresta / Quem a sua
força empresta / Nos quilombos nas aldeias /
E quem na terra semeia / Venha aqui fazer a festa

Não Vou Sair do Campo

Gilvan Santos

*Minhas memórias, narrativa e experiências
em uma escola no campo da reforma agrária
— agradeço ao MST pela oportunidade de
conhecer a educação do campo.*

ELIANE DUARTE

Sou Eliane, mãe de lasmin e apaixonada pela Educação do Campo. Durante todo esse tempo em que me dediquei a acompanhar o ensino e a aprendizagem nas escolas municipais do Cabo de Santo Agostinho (PE) me vi, nos últimos 20 anos antes da aposentadoria, contribuindo em uma escola que fica em uma área rural, no Assentamento em Arariba de Baixo de Reforma Agrária Popular. Sempre soube que tinha um duplo dever na minha atuação: primeiramente, de acompanhar aqueles pais e mães de família, estudantes e professores, que se dedicam dentro de um ou outro movimento, com todos os riscos que não são nem poucos nem pequenos, em favor da construção de uma sociedade justa e igualitária, neste caso, fazendo acontecer a tão almejada reforma agrária. O outro dever é de conhecer a história do lugar, das pessoas e poder ajudar sempre no que fosse preciso.

A ESCOLA

Em dezembro de 2004 com o requerimento em mãos lá fui eu, perguntando onde pegaria o ônibus que iria me levar até a escola. Subi e percorri 35 km, lembro como se fosse hoje. Estrada de barro e muita poeira, entrando em várias comunidades (antigos engenhos) até chegar ao destino esperado. Quando cheguei, lá estava a escola, em cima de um morro e eu pensei: “que maravilha de lugar!” Foi amor à primeira vista. Uma escola grande por ser em uma área rural, salas enormes e com jardim em cada sala de aula, com biblioteca, refeitório, e vi que este é o meu lugar.

No dia seguinte o turno da manhã começava às 7h e tínhamos que sair no ônibus às 05h40, mas nada me desanimava, pois tomar café da manhã com meus colegas ouvindo os cânticos dos passarinhos era tudo pra mim. As crianças chegavam e antes de entrar nas salas cantavam algumas músicas como “meu boneco de lata” e “não vou sair do campo pra poder ir para a escola”, e assim eram levadas pelas professoras até as salas de aula, um acompanhamento pedagógico sendo construído dia a dia com todos que contribuem para o ensino e aprendizagens.

O surgimento dessa escola se deu a partir da ocupação territorial em 1992, sendo uma conquista das lutas dos movimentos sociais Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Movimento de Libertação dos Sem Terra (MLST) e Pastorais Rurais. Foi inaugurada em março de 1999, sob a esperança de que a educação pudesse ser um elemento importante para a emancipação do povo camponês, contemplando as crianças acampadas oriundas de diversas regiões de Pernambuco. A população do assentamento é de classe média baixa, composta de famílias trabalhadoras, em sua maioria na monocultura da cana de açúcar, na agricultura familiar e que contam com o apoio de programas sociais, como o Bolsa Família.

A Escola Dr. José Roberto Monteiro é um espaço de referência como *escola do campo*, que oferta a Educação Básica, nas etapas de Educação Infantil e Ensino Fundamental dos anos iniciais e finais. Lá se atende estudantes entre 3 e 19 anos, que possuem ricas vivências relacionadas à terra, sabedoria em relação ao plantio, ao uso de plantas para a



saúde e alimentação, conhecimentos muito importantes ao grupo cultural e social de seus convívios familiares. Porém, grande parte desses educandos e educandas chegam de casa sem nenhuma escolarização, suas experiências culturais são limitadas aos espaços da igreja no assentamento e da mídia televisiva, mas com poucos conhecimentos prévios de leitura ou escrita. Alguns deles ainda vivem em ambientes de vulnerabilidade socioemocional, se fazendo necessário o amparo pelo Conselho Tutelar do Distrito de Juçara.

A escola busca reconhecer e respeitar as diferentes formas de organização dos núcleos familiares, além de priorizar os momentos de diálogo e escuta como formas de auxiliar no processo de integração escola-família. Se preocupa em proporcionar vivências que deem instrumentos para que seus educandos enfrentem os desafios cotidianos, priorizando a vida e a dignidade humana acima de qualquer outra possibilidade.

O ENCONTRO

A educação do campo, como um processo histórico, vincula-se diretamente às lutas dos trabalhadores do campo organizados na forma de movimento social. No caso, organizados a partir do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra – MST, que nos processos de luta pela terra e de vida digna nos assentamentos reivindicaram o direito à educação. Lutas pela terra e pela educação nas áreas de assentamento que tiveram seu marco documental no Primeiro Encontro Nacional das Educadoras e Educadores na Reforma Agrária – I ENERA.

Silva, “A EDUCAÇÃO DO CAMPO NO CONTEXTO DA LUTA DO MOVIMENTO SOCIAL.”



O meu primeiro encontro com o Movimento Sem Terra (MST) se deu em 2005 na “Formação de Professores da Reforma Agrária”. Na época, nos encontramos durante uma semana no Centro de Formação Paulo Freire, em Normandia, localizado em Caruaru (PE), discutindo e aprendendo sobre os saberes da terra, lutando por uma escola do campo – foi onde aprendi que a Educação do Campo nasce a partir das lutas. Em 2013 iniciei uma especialização em Educação do Campo pelo MST, PRONERA, INCRA e UFRPE Campus Garanhuns, recebendo uma bolsa de estudo pelo CNPq. As aulas eram no Centro de Formação Paulo Freire em períodos de alternância.

Entre tais interesses, destacamos o conceito de escola do campo, estabelecido na Política de Educação do Campo (Procampo) – Decreto nº 7.352 de 4 de novembro de 2010; isto é, “aquela situada em área rural, conforme definida pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, ou aquela situada em área urbana, desde que atenda predominantemente a populações do campo” (BRASIL, 2010). Dessa forma, a proposta

pedagógica construída nas escolas do campo reflete as especificidades das comunidades locais nas quais estão inseridas, uma vez que as populações do campo são múltiplas e diversas, constituem suas identidades de acordo com as suas próprias realidades.

Andrade, “ESCOLAS DO CAMPO E INFRAESTRUTURA”.

Historicamente, as escolas do campo enfrentam grandes desafios que perpassam a infraestrutura e a falta de recursos como: alimentação, transporte escolar e materiais didáticos específicos. Mas a Escola Dr. José Roberto Monteiro era diferente: ótima infraestrutura, merenda escolar, materiais didáticos e paradidáticos. A desvantagem era quando chovia, a rodagem (como é chamada pelos estudantes) piorava e nós sempre dizemos que temos dois “kits”: um de inverno e outro de verão. Por exemplo, o “kit inverno” é composto por botas plásticas, guarda-chuva e muita disposição para caminhar quando o ônibus quebra ou atola na lama. Lembro que muitas vezes caminhei por duas horas ou mais até chegar em um local que seria de fácil acesso se pudéssemos chegar de ônibus. Mesmo diante das adversidades, eu ficava feliz em estar contribuindo com a educação do campo.

A BIBLIOTECA ESCOLAR

O projeto *Biblioteca Escolar: Espaço de Conhecimento* foi realizado em 2015, na Escola Dr. José Roberto Monteiro, e teve como pretensão ativar a biblioteca e cativar os estudantes de forma sensível, através da dinamização do ambiente literário, além de garantir a preservação do espaço literário e da memória contida nos livros. O projeto teve seu foco nos professores, nos educandos e na comunidade onde a escola está inserida. Realizamos um trabalho com poesias e música dentro da biblioteca, o que promove um atrativo espontâneo para os educandos frequentarem

aquele lugar, tomarem interesse pelas leituras, e com isso possivelmente envolver até os membros de sua família e comunidade. A partir do projeto, conseguimos transformar a biblioteca em um espaço de aprendizagens, fonte de pesquisas e compartilhamento de conhecimento.

COMUNIDADE

A proposta deste projeto surgiu de uma força tarefa coletiva para resolver problemas de leitura e escrita, já que tínhamos alguns estudantes chegando ao 6º ano do ensino fundamental sem saber ler e escrever. Diante disso, procuramos proporcionar um melhor rendimento na alfabetização, com um projeto voltado ao desenvolvimento de vivências de leituras na biblioteca da escola, que atendesse aos educandos da comunidade, e promovesse a criação de espaços agradáveis para o convívio com os livros e os demais suportes de leitura em diversas linguagens.

Este projeto de intervenção social nasce da necessidade de ter uma biblioteca ativa dentro da escola, já que este é um local de grande concentração de saberes, e que até então não estava sendo utilizado em toda sua potência. A ação de ocupar a biblioteca é uma competência fundamental que deve ser ensinada desde cedo aos educandos, como um exercício que evita a formação de alunos dependentes dos professores, que não acessam o potencial dos livros por si mesmos, e que por isso, podem acabar se tornando agentes passivos em suas relações com os conhecimentos. É essencial que os estudantes entendam que o material da biblioteca serve como base para a construção do seu conhecimento e da sua autonomia, criando um espaço fértil para a imaginação e a criatividade.

Para a educação que queremos construir, um processo essencial é a escuta: escutar os povos do campo, a sua sabedoria e as suas críticas; escutar os educandos e educandas, as suas observações, reclamações ou satisfações com relação à escola e à sala de aula; escutar os professores e as carências expostas das escolas do campo. Na escuta, é gerado

o diálogo, nele serão explicitadas as propostas políticas e pedagógicas necessárias à escola e ao aprendizado de nossos estudantes.

Por isso, de início, realizamos um fórum de debate e sensibilização sobre a importância do espaço da biblioteca para o hábito da leitura junto aos professores, estudantes, funcionários da escola e conselho escolar. Além disso, convidamos o grêmio estudantil da escola para que nos ajudasse a limpar o espaço da biblioteca e arrumar os livros. Também aproveitamos esse momento para fazer um levantamento, catalogar e organizar todos os livros existentes na biblioteca da escola.

Os objetivos construídos junto a comunidade escolar para esse projeto são favorecer o desenvolvimento de habilidades linguísticas, cognitivas, motoras e afetivas através da biblioteca, oportunizando o conhecimento e as habilidades para lidar com as fontes de informação; realizar um fórum que desenvolva o hábito da leitura; e proporcionar uma melhor assessoria informacional a toda comunidade estudantil.

Durante a realização do projeto fizemos algumas parcerias importantes para a execução do mesmo, como por exemplo, com a Secretaria de Educação Municipal, que cedeu um funcionário para atender na biblioteca; a Gestão Escolar, que deu o suporte na compra de materiais de limpeza e de tintas para pintar as prateleiras onde ficam os livros; os professores, que incentivaram e trouxeram os educandos para participar das atividades na biblioteca; os funcionários da escola, que participaram do projeto, lendo livros e dialogando com os educandos; e os responsáveis pelos educandos, que estimularam a leitura e visitaram a biblioteca a convite das suas crianças e adolescentes.

O projeto de intervenção social e pedagógico, a *Biblioteca Escolar: Espaço de conhecimento, viagens, poesias e canções, uma dinamização para a leitura*, foi executado contando com a mobilização de toda a comunidade escolar. No movimento de trazer a biblioteca para dentro da escola, foi tecida uma rede de compromisso entre a comunidade e a partir disso foi provocada uma mudança no comportamento dos educandos, que desde então passaram a almejar novas leituras e participar das atividades propostas dentro da biblioteca, além de valorizar este espaço como um centro ativo de aprendizagens.

REFERÊNCIAS

Maura Silva. “Enera tem o desafio de criar um novo espaço de articulação entre os trabalhadores da educação”. MST(blog), 15 de julho de 2015. <https://mst.org.br/2015/07/15/enera-tem-o-desafio-de-criar-um-novo-espaco-de-articulacao-entre-os-trabalhadores-da-educacao/>.

MST. “Educadores da Reforma Agrária lançam manifesto pela educação durante o 2º Enera”, 10 de outubro de 2015. <https://mst.org.br/2015/10/01/educadores-da-reforma-agraria-lancam-manifesto-pela-educacao-durante-o-2-enera/>.

Silva, André Luiz Batista da. “A educação do campo no contexto da luta do movimento social: uma análise histórica das lutas, conquistas e resistências a partir do Movimento Nacional da Educação do Campo”. *Revista Brasileira de História da Educação* 20 (15 de maio de 2020): e112. <https://doi.org/10.4025/rbhe.v20.2020.e112>.

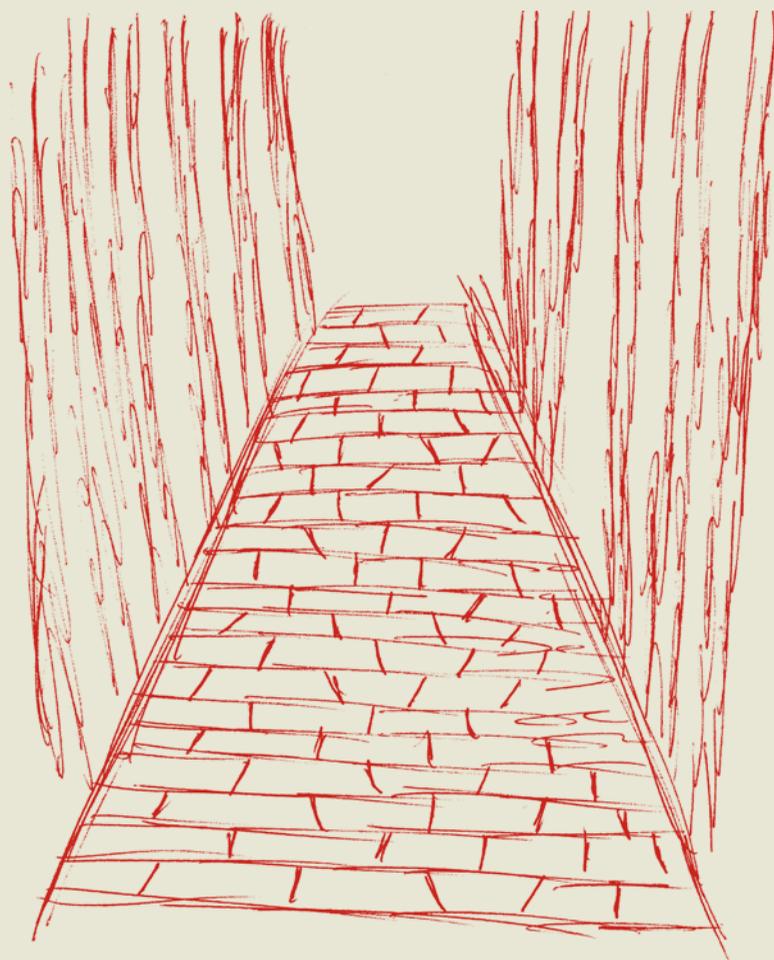
Andrade, Francisca Marli Rodrigues De. “ESCOLAS DO CAMPO E INFRAESTRUTURA: ASPECTOS LEGAIS, PRECARIZAÇÃO E FECHAMENTO”. *Educação em Revista* 36 (27 de novembro de 2020): e234776. <https://doi.org/10.1590/0102-4698234776>.

T
R
E
&
A R T E S
A
S
PARA A EDUCAÇÃO

CARLOS AVELAR

Territórios urbanos invisibilizados

*A leitura de cartografias a partir da
experiência periférica*



CAMINHOS

Sou professor por paixão e na educação traçamos nossos CAMINHOS e descaminhos. Escolhi o mundo para (tentar) explicar, a Geografia foi esse PORTAL de entrada para a fascinante jornada da transformação. Educar é transformar na sua essência.

Prolongo-me por 24 anos de magistério, me considerando um pequeno aprendiz. Com a gana de devorar os conhecimentos, sejam eles de que natureza forem, restrinjo-me ainda em caminhos específicos, pois o mundo é muito grande para abarcar com as mãos — entre todas as áreas em que atuo, sou intensamente geógrafo.

As gerações futuras são parte do meu fazer. Desde o nascimento de meu primeiro filho, graduei-me em Tecnologia em Gestão Ambiental pelo IFPE. Quando ele completou três anos, me especializei em Planejamento e Gestão Pública. Por atuar na Prefeitura do Recife e no Governo de Pernambuco, senti que precisava deste conhecimento técnico e burocrático. Logo depois retornei à minha casa inicial, a UFPE, no mestrado em Meio Ambiente e neste percurso aprendi a me relacionar com maior intimidade com a mãe-terra.

O Mangue era meu berço de acolhimento, com pesquisas teóricas e trabalhos quase que cotidianamente em campo. Nos mangues do Recife aprendi a sentir a natureza, a respeitar os espíritos da mata, do manguezal. Aprendi o quanto as águas nos ensinam, o quanto a lama ressignifica, recicla e faz reviver as experiências de vida. Aprendi o quanto a natureza tem a capacidade de filtrar nossas almas. Aproximar-nos da natureza é vida.

Atualmente, encontro-me em mais um desafio: o da comunicação. Os últimos anos revelaram o quanto de mal pode ser feito com uma má comunicação e aí, iniciei os estudos em jornalismo. Ainda tenho muito a aprender, experiências novas e construções estarão por vir. Neste texto trago um pouco da experiência na Geografia e no Meio Ambiente com as experiências da formação pedagógica, numa compreensão que se deleita pela narrativa poética desenvolvida na cidade do Recife, considerando perspectivas construídas a partir de um coletivo cultural da educação. Experiência riquíssima que só vem a somar com todas, todos e todes.

TERRA E MAR

Entre linhas de engenho
Caminhos se cruzam
Caminhos negros
Caminhos permeiam
Que de tão fugidios
Se fizeram tardios
Por liberdade, vazios.

De muitos foi a rota
Entre séculos se esvai
Em pontos, e em nota
Presente aqui se faz.

Num nó indígena
Tece a rede, tece a paz
Num Recife de ontem
O hoje ainda se faz.

No caminho da Várzea
Vazio é o som
De pássaros, de vento
Som da natureza
Se vê tamanha beleza
Não só de momento
Ele é quem dá o tom.

Para cá da Arte
Na resposta do artista
Se faz poesia mista
Se Encontra em toda parte.

Ohhh!! Encruzilhadas tão sóis
Que encontram todos nós
Um dia a vislumbrar
Quero sempre te dar
Meu querer, o meu olhar
A mata a me aconselhar.

Apontando em riste
Caminho de Beberibe
Lá se tem um rio
Tão calmo e vadio
Tímido e pálido
Ao se cruzar segurou
O que um dia não houve
Do que se tornou, cidade.

No outro sentido
Não vejo motivo
Por ter transformado
Esta cidade em mão
Mão que aponta e mão que
desponta
Mão que segura a lança
Mão que nunca se cansa

Os mangues do Capibaribe são permeados por uma energia forte – lugar de experiências temporais e atemporais construídas ao longo de tanto tempo. A partir dessa percepção que ultrapassa concepções tradicionais sobre o território, nessa relação simbólica, se instauram as capacidades icônicas de atribuir significados nos modos de pensar, sentir e agir.

Segundo Geertz em seu livro *A interpretação das culturas*, é a partir de uma noção simbólica que teias de relações são construídas, onde se buscam significados para acontecimentos sociais e ocasiões das vivências concretas das relações culturais nas ciências, nas linguagens, nas artes, nas relações econômicas e nas religiões.

Relações múltiplas se estabelecem e concepções sobre o território se tornam de uma fluidez perene. E neste espectro, que é indispensável, localizam-se os significados produzidos nos territórios periféricos enquanto espaços de vivências significativas. Trazer essa questão, é pensar também as identidades que compõem esses territórios e significados.

Trago como eixo a temática antirracista e indígena e reflito sobre territorialidades a partir do meu lugar de homem branco, dos olhos claros, hetero, num país ocidental e cuja educação tem fundações profundas neste pensamento. Um desafio.

TERRITÓRIOS URBANOS INVISIBILIZADOS

Dizemos ser perdido, aquilo que nunca foi achado, mas que o possa ser. Atenção: o perdido aqui tem uma conotação de existência no espaço e no tempo, uma vez que é possível encontrá-lo, materializá-lo e, sobretudo delimitá-lo.

Seja através das forças do poder legal e de exercício de poder indireto, podemos observar movimentos desiguais e combinados que desencadeiam uma série de delimitações territoriais que produzem

uma trama composta de objetos fixos e fluxos em sua superfície. Essa composição de elementos mantida pelo agenciamento do poder em prol de poucos, transforma a cidade num espaço de disputa.

Herdamos uma cidade repleta de significados e significantes que, pela disputa de forças, se redefinem a cada minuto. No espaço urbano, um conjunto de elementos pode receber diferentes significados a partir dos conflitos e estratégias sobre eles investidos. Os territórios da cidade reinterpretados. As ações cotidianas determinam aspectos da vida. A cidade é moldada pelo indivíduo que a percebe.

Nessa luta incessante, a população mais abastada escolhe seus territórios de fixação, sendo estes, portanto, territórios de maior valorização mercadológica, embutida num sistema que se impõe a todos os demais. Essa correlação — poder legal e poder indireto — se exprime em uma de suas vertentes a partir de elementos territoriais presentes na paisagem geográfica, com os movimentos socioespaciais entre centros e periferias.

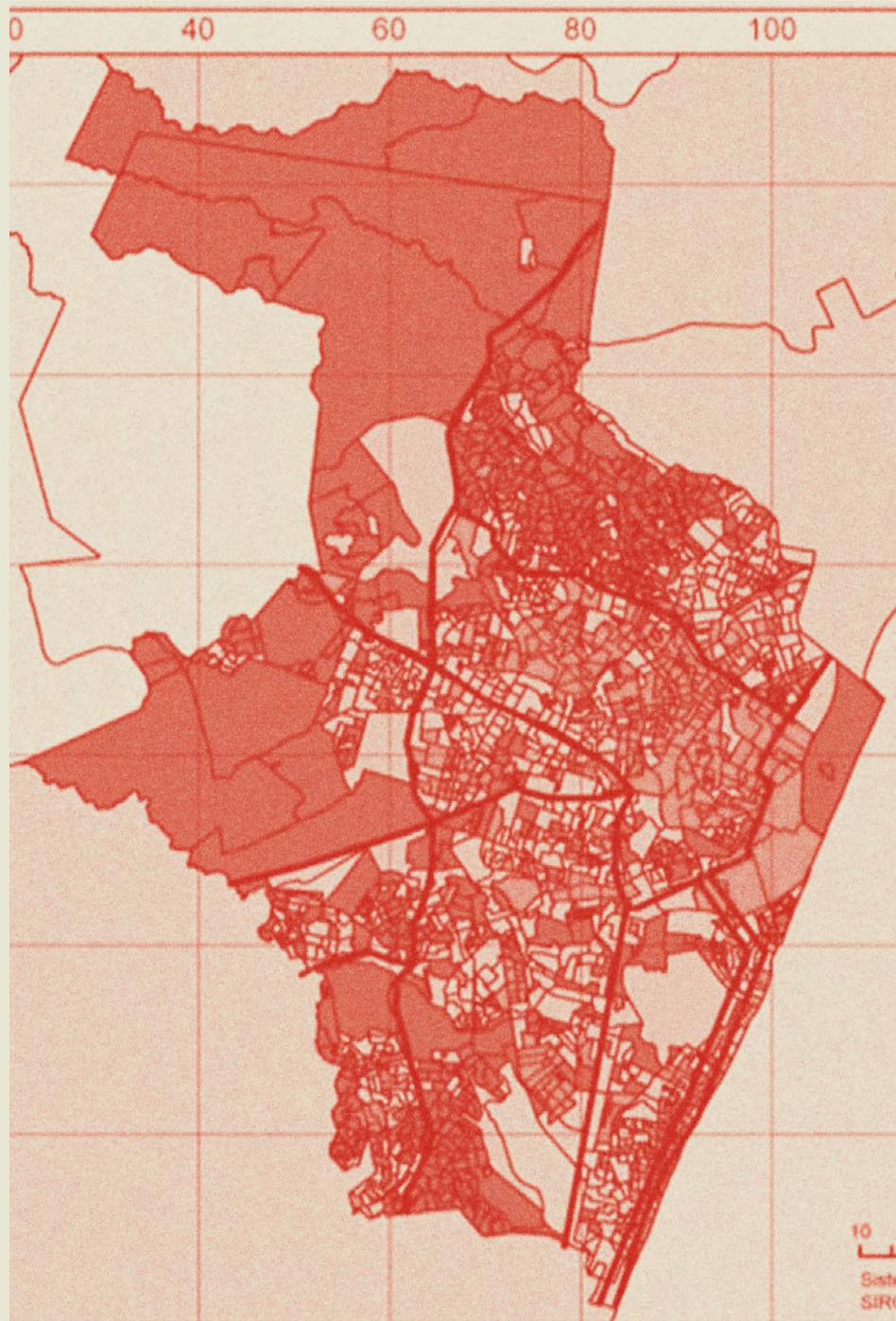
O TERRITÓRIO VISTO PELA ESCOLA

“Ensinar é uma arte”. Quem nunca ouviu essa frase? Ao longo do tempo o pensar sobre a vida foi criando novas concepções de territorialidades. As artes, a técnica, o método, todos esses elementos passaram a ser influenciados pela perspectiva territorial. Sendo assim, qual o lugar da escola nesta trama?

É no ambiente escolar que convergem tais aspectos de vivências e percepções socioespaciais. A partir de uma melhor compreensão da estruturação das causas do processo de segregação territorial, que é um processo eminentemente histórico-geográfico e pelo qual se originou a

O invisibilizado não apenas visto, mas construído pelo protagonismo de quem faz o território.





maior parte das questões de racismo ambiental, é que podemos caminhar em direção a outros processos mais sustentáveis voltados para territórios tão consolidados.

Por este motivo elaboram-se proposições voltadas para identidades da periferia, que é pobre e predominantemente preta, mas não pelo fato de sê-lo em si, e sim, por saturações territoriais em vivências que destoam de condições de dignidade e se apresentam como condições extremamente insustentáveis. No que se refere à questão do racismo, é importante salientar que dentre os diversos racismos existentes, o ambiental é um dos que se encontram fortemente ligados às questões de classe social.

Uma dessas proposições foi uma oficina que foi desenvolvida ao longo de um ano letivo em turmas de 13 escolas públicas da rede estadual de Pernambuco, com jovens entre 12 e 16 anos, em encontros durante as aulas de Geografia. O encontro começava com um aporte teórico-conceitual para em seguida, debruçados em roda sobre os mapas, contrapor as informações cartografadas com a realidade vivenciada no dia a dia da turma.

Com seus processos e usos na formação cidadã, enquanto instrumentos de compreensão de mundo, os mapas são essenciais na elaboração do pensamento histórico-espacial. Eles se apresentam como um meio de leitura de mundo, tomam como base ideologias, interesses e sentidos, e dão vazão a contextos construídos para favorecer uma determinada situação de classe que predomina perante as demais.

Essa vivência interrelacional aconteceu em 2022, compartilhando a constatação de que os mapas escolares são carregados de significados e simbolismos que abarcam um certo recorte da realidade. A partir dessas reflexões, foi possível construir um pensamento, não apenas em torno da perspectiva crítico-reflexiva sobre as representações espaciais, mas sobre a possibilidade de os mapas a serem utilizados por estudantes serem construídos a partir das suas observações e experiências.

O mapa do saneamento do Recife é um dos objetos de análise.

Nesta tomada de posicionamento, estudantes passaram a compreender como os movimentos na sociedade obedecem a uma dinâmica do capital, ao mesmo tempo que as comunidades e territórios da periferia podem resistir a partir de olhares diversos sobre um mesmo fenômeno real e suas representações, consolidando um protagonismo enquanto sujeitos de direito de sua construção socioespacial.

Na busca pela compreensão da dinâmica socioterritorial do espaço, analisamos relações dinâmicas em sociedade ao discorrer sobre uma vida cotidiana, em que pessoas em concílio com a natureza engendram configurações das mais diversificadas, heterogêneas e com causas múltiplas de suas realizações.

Essas populações são, através de uma narrativa retórica e carregada de poder de persuasão, literalmente empurradas para áreas repetidamente rotuladas de inferiores, compondo em sua maioria uma espécie de periferia, que tipicamente, agrega aquelas pessoas “indesejáveis” ao convívio em espaços que os segregam, dificultando seus deslocamentos nas cidades, travando o acesso às áreas onde o poder mercadológico e o capital circula e predomina. Este afastamento é impetrado simultaneamente a um movimento de supervalorização das áreas especializadas do capital, sendo assim um jogo contraditório de poder, que alimenta uma engrenagem territorial urbana que define quem pode e quem não pode. Estes últimos caracterizados, predominantemente, por pessoas pobres e pretas.

A educação e o empoderamento vão lastrear o sentimento de pertença e conectar com as relações interpessoais, uma vez que esta dimensão se transpõe às territorialidades buscadas em constantes jogos de contrários.

O combate advém de uma perspectiva de enfrentamento que se faz, sobretudo no campo da educação: a ela cabe esse poder de transformação. A educação geográfica, especificamente, em todos os anos de ensino, utiliza-se de elementos que têm no mapa seu principal instrumento. Sabemos que o mapa traz uma carga semiótica significativa – de forma recíproca, o mapa é feito por alguém, ou por grupos de pessoas.

E quando se trata de instituições, as quais as classes dominantes ocupam seu comando, a produção desse material vem carregada de



significados e intenções reverberadas por estas classes. Isso gera a reprodução de narrativas falseadas de realidades vividas que servem para consolidar o poder das elites, desvalorizando áreas periféricas e supervalorizando áreas denominadas “centrais”.

Este movimento é facilmente perceptível nos mapas escolares a partir de análises crítico-reflexivas sobre aquelas questões tratadas nas representações cartográficas. São essas narrativas que consolidam esses territórios de exclusão, conduzindo, muitas vezes, a preconceitos, discriminações, exclusões sociais e religiosas (no caso das religiões de matriz afro-brasileiras e indígenas) e tantos outros racismos que acontecem diariamente nos ambientes produzidos pelo meio urbano.

No enfrentamento a esse tipo de concepção, a inserção da visão crítico reflexiva na leitura e a motivação pela produção dos próprios mapas deve ser uma constante não apenas para combater o racismo ambiental, mas, fundamentalmente, para transformar a educação numa educação antirracista. Os mapas escolares, que refletem seus processos de territorialidades, precisam trazer em seu bojo as reflexões sobre as leis 10.639/03 e a 11.645/08 a partir de vivências trazidas das realidades de toda comunidade escolar, presentes no chão da escola.

ARTIFICAR

Escrever,
Traduzir o pensamento em palavra
Exercitar a força do pensamento
Deleitar o ouvir, o ler.
Escrever é um ato de bravura
Uma dor que só o tempo cura
Um trabalho perdido em lavra
Que só não tira e não faz esmorecer

Escrever é transportar
O pensamento da solidão
Para o falar escrito a mão
É ressaltar
Vangloriar.
Enaltecer e enriquecer
Nada se perde não
Quando o lápis, utiliza a tinta do coração.

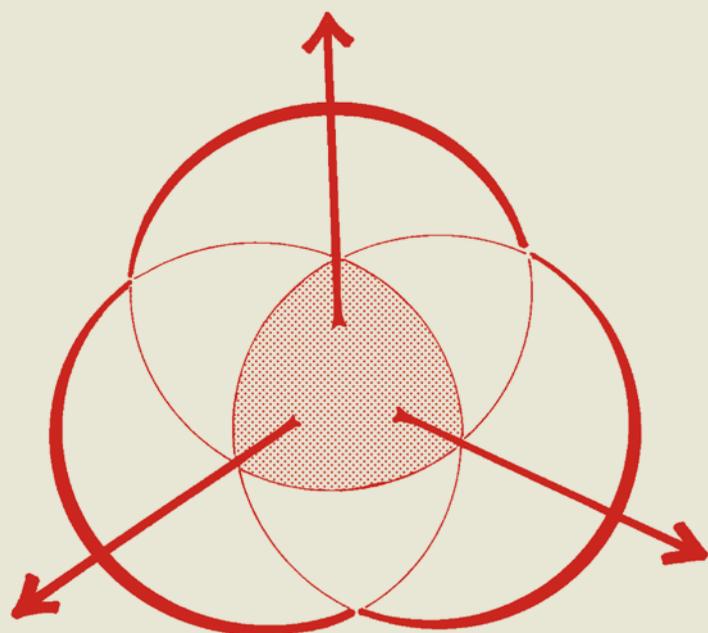
Ao Escrever
O poeta desliza
O escrivão sintetiza
A mão, ahhh essa não
Não paralisa
Simplesmente recai
Verso e prosa se esvai
No amor que ameniza.

Ohhh se soubesses
O quanto careces
Da arte de escrever.
Se ao menos quisesses
De ter o que ler

Ao mundo daria
Não só poesia
Mas também
Um alvorecer.

De fato sentir,
Amar e sorrir
Inteiro ou em parte
Na Terra ou em Marte
O quanto és belo
Poema singelo
Tão rico em Arte

Nascente em treta
A Arte surgiu
Agora ou abril
No corpo viril.
Dinâmica na sua
estaticidade
No campo ou cidade
A Arte penetra
Muda pensamentos
Revive emoções
Que são como ventos
Em nossos corações.



Matemática

n

Culturas
Negras

n

Culturas
Indígenas
Brasileiras

Possíveis intersecções para quebrar as barreiras do isolamento de disciplinas e abrir caminhos para uma aprendizagem mais significativa

TATIANA SARMENTO

Dentre tantas histórias, a minha é mais uma, igual e única, cheia de erros e acertos, de planejamentos e redirecionamentos de rotas, cheia de dificuldades e muitas conquistas.

Sempre fui muito inquieta, criativa, perfeccionista, curiosa, profunda, pesquisadora, observadora, questionadora... Fui uma criança e adolescente revoltada com as mentiras que fui obrigada a decorar para reproduzir nas provas, com as amarras das respostas prontas e do raciocínio matemático mecânico e não compreendido. Ainda trago comigo as lembranças do corpo que ardia ao passar tanto tempo sentada numa cadeira.

Na construção diária de ser professora, um divisor de águas aconteceu em minha trajetória: ingressei numa escola que não adotava livros didáticos de História, Geografia, nem de Ciências, tudo deveria ser construído junto com os alunos. Nasceu a Tatiana pesquisadora, mesmo com poucos recursos, antes do boom da internet. Que libertação! Que responsabilidade! O trabalho triplicou, mas o meu aprendizado e o dos alunos tomou um rumo que jamais voltaria a ser o mesmo.

Faz mais de 20 anos que construo meus materiais didáticos, muitos na coletividade com outros professores e com os alunos e outros tantos individualmente, buscando atender às diferentes formas de aquisição de aprendizados (cinestésica, auditiva, visual...).

Sou formada em Pedagogia e em Psicomotricidade Relacional. Nos primeiros 10 anos como professora, fui polivalente (ensinava todas as disciplinas) e fui alfabetizadora de crianças e de jovens e adultos. Na década seguinte, trabalhei no 5º e no 3º ano do Ensino Fundamental, como professora de Matemática e de Projetos (Geografia, História e Ciências). Atualmente, estou ocupando o cargo de professora especialista em ensino de Matemática nos anos iniciais do Ensino Fundamental I, numa escola bilíngue no Recife. Nesta empresa, também faço parte da equipe de formação continuada, ministrando encontros com professoras do Ensino Fundamental I, Educação Infantil e assistentes de sala de aula. Na rede pública, já trabalhei com alfabetização de jovens e adultos e estou como Apoio Pedagógico de EJA, responsável pela reativação da biblioteca e assistindo aos alunos com defasagem, do Ensino Médio.

Farei aqui uma compilação de trabalhos que desenvolvi e, desde já, agradeço aos meus companheiros de residência pelo compartilhamento

de materiais de riqueza imensurável, os quais já servirão de referência bibliográfica para futuras propostas de projetos. Acima de tudo, agradeço pela oportunidade de tão valorosa troca de experiências de vida, impossíveis de serem transcritas por inteiro num papel, mas totalmente passíveis de serem arquivadas em minha alma. Que sorte a minha!

Vamos lá...

NA POLIVALÊNCIA

No final dos anos 1990, mesmo antes das leis 10.639/03 e 11.645/08, já havia em mim uma enorme vontade de encontrar as verdades que não me contaram quando eu era a aluna, de contar histórias que não estavam em nenhum livro didático e de apresentar os africanos e os povos originários como personagens importantíssimos na construção de nossa nação. Sempre que podia, trazia algo afro ou indígena para apresentações culturais na escola.

Não me lembro exatamente o ano, mas criei uma forma de falar sobre o Maracatu Nação ou Maracatu de Baque Virado, que é uma expressão cultural e religiosa que relembra as coroações de reis e rainhas do Congo — para as crianças que estavam no processo de alfabetização. A partir dos passos do cortejo, foram trabalhadas questões como representatividade, gestos e símbolos.

Na mesma escola, tivemos tentativas de uma multiculturalidade no currículo, porém ainda fazíamos uma lógica de eventos por data, como aulas especiais em agosto, mês do Folclore. Dentre esses eventos, tivemos uma visita de representantes indígenas do povo Fulni-ô e também uma apresentação de um Bumba-meu-boi. Porém, essa perspectiva, ainda não era suficiente para uma discussão aprofundada e muitas vezes não envolvia os alunos no processo de pesquisa.

Foi em 1999 que desenvolvi meu projeto ainda com crianças de alfabetização. Tudo começou após a leitura do poema “Uma flor quebrada”, de Cecília Meireles, que trazia a ideia de uma raiz como escrava de uma

flor. O assunto da escravização, pode ser discutido dentro da sala de aula, onde podemos aprofundar questões sobre a diáspora africana, falamos sobre a vinda de vários povos africanos em navios negreiros, a partir da visita ao Museu do Homem do Nordeste, que também culminou em um trabalho feito pelos estudantes. Esta partilha envolveu pais e alunos, onde pude também sair apenas desta perspectivas da escravidão para falar sobre resistência e invenção em diálogo com a capoeira, prática a qual eu estava também inserida.

MATEMÁTICA E PROJETOS

Na minha turma de 4ª série (5º ano / crianças de 9-10 anos), os conteúdos curriculares que norteavam os projetos eram as grandes navegações, chegada dos portugueses e formação do povo brasileiro. Os temas geradores eram “Viajar é preciso!” e “Brasil, um ambiente e sua gente”. A proposta era a de Pedagogia de Projetos Interdisciplinares, cujo caminhar pedagógico deve ser construído a cada ano, com cada turma.

No “Viajar é preciso!”, em 2001, mediei pesquisas sobre a conquista do espaço, viagens de Amyr Klink, viagens de guerra, aventuras que bateram recordes, viagem da família Schurmann. Aqui, eu ainda estava aprendendo como se trabalhava com projetos interdisciplinares com crianças maiores e seguia o que me orientavam para fazer.

Já em 2002, com mais segurança e autonomia, fiz uma experiência de propor transformar as pesquisas numa culminância em forma de tribunal. Os alunos, apropriados dos conhecimentos construídos ao longo do projeto, decidiram qual viagem mais afetou a história da humanidade: a chegada de Colombo nas Américas ou a ida do homem à lua (escolhidas por eles, dentre muitas apresentadas).

Neste ano, ao estudarmos a chegada dos portugueses às terras que hoje são o Brasil, como consequência da chegada de Colombo nas Américas, eu trouxe novamente a capoeira para as minhas aulas. Foi a primeira vez que conectei essa prática com Geometria, promovendo

vivências onde os alunos percebessem seus corpos fazendo giros em diferentes graus e formando ângulos retos, agudos ou obtusos. Também trabalhamos os conceitos de círculo e circunferência, ao observarmos o formato de rodas de capoeira.

Em 2003, senti necessidade de viajar ainda mais no tempo e propus visitarmos a História do Brasil antes da chegada dos portugueses. Já que os historiadores dividem a Pré-História da História a partir da invenção da escrita, chamamos o período pré-cabralino de Pré-História do Brasil, considerando a carta de Pero Vaz de Caminha como a primeira escrita sobre o lugar que os portugueses denominariam de Brasil. Entramos de cabeça em pesquisas sobre os povos originários do nosso país e buscamos responder às seguintes perguntas problematizadoras:

- O que acontecia aqui nos tempos onde nada se registrava com palavras, onde as histórias eram contadas através de desenhos ou de línguas estranhas e repassadas de geração em geração?
- Será que viver nesse “Brasil” era como viver no paraíso?
- Indígenas e dinossauros conviveram juntos?

As perguntas norteadoras/disparadoras das pesquisas sempre eram formuladas pelos alunos, com minha mediação para não fugir muito do que o currículo nos exigia para aquele nível escolar. O real foco pedagógico era o de aprender a aprender, essa é a grande pegada da pedagogia de projetos: dar suporte e experiência para que os alunos saibam pesquisar, construir relações entre diferentes fontes pesquisadas, produzir registros diversos e construir significativo conhecimento. Assim, se tornam preparados para aprender sobre o que quisessem no futuro.

Vale destacar que a avaliação era processual, focando conteúdo, procedimentos e atitudes, com metas previamente estabelecidas e conhecidas pelos alunos, onde os familiares também participavam. Esse tipo de avaliação permitia redirecionamento tanto da minha prática como da dos alunos, pois tudo e todos eram avaliados no decorrer do projeto. Uma avaliação que estava a favor do aprendizado e não como medidor do mesmo.

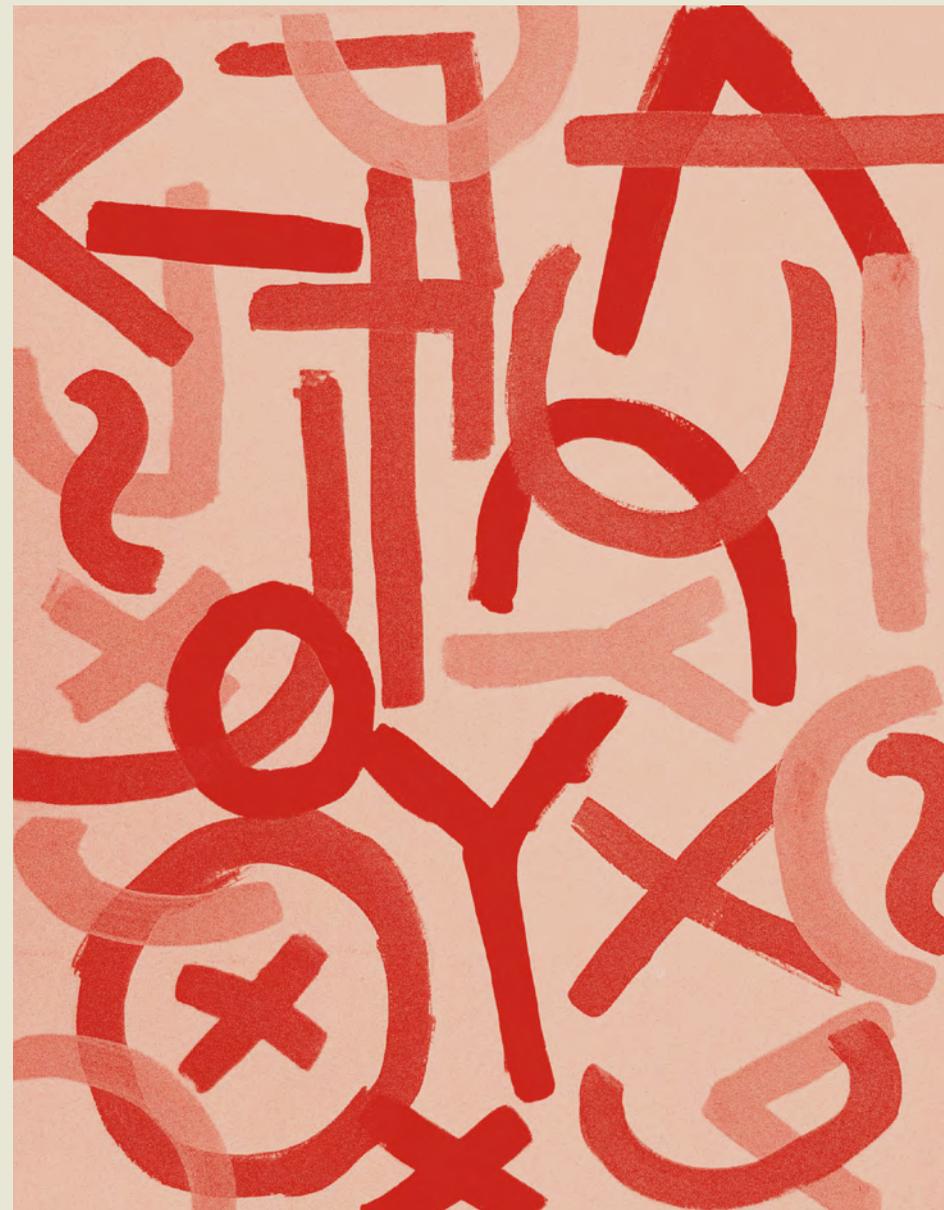
Em 2005, cheguei a apresentar esse meu trabalho, unindo a Capoeira com a Geometria, no IV Congresso Internacional de Educação, realizado na cidade de Olinda. Há um texto meu nos anais, que até já serviu de referência bibliográfica para o trabalho de outros professores.

Hoje, com mais maturidade, poderia enriquecer o vocabulário trabalhado, exigiria registros gráficos que retratassem melhor a diversidade dos povos indígenas e saíssem do modelo de oca, tanga e lança para pescar peixe e ampliaria a parte de reconhecimento dos territórios e dos direitos, pelo menos das comunidades indígenas de Pernambuco, meu estado. Com relação aos povos africanos, buscaria desconstruir a imagem que muito se propaga da África, de miséria e de “Escravidão”, resgatando momentos históricos de glória, mostrando a diversidade cultural, instigaria o reconhecimento de importantes personagens negros do Brasil e do mundo. Com certeza, proporia um estudo crítico das leis brasileiras que já foram criadas para negros e indígenas. Temos muito mais material impresso disponível, diversos sites e até redes sociais como fontes de pesquisas, além da possibilidade de beber de fontes humanas, realizando aulas de campo dentro de alguns povoados indígenas ou quilombolas ou fazendo entrevistas via internet.

Para desenvolver meus projetos, o livro de Nilbo Ribeiro Nogueira, PEDAGOGIA DOS PROJETOS — Etapas, papéis e atores, da editora Érica, me serviu como norteador e me ajudou bastante.

ATUALMENTE

A partir daqui, vou citar trabalhos que desenvolvi na escola da rede particular onde trabalho atualmente como professora especialista em ensino de Matemática nos anos iniciais do Ensino Fundamental I. Ela faz parte de uma rede bilíngue, onde 50% das disciplinas são ministradas em Inglês e 50% em Português, em todo o Ensino Fundamental I. A maior carga horária de Matemática é ministrada em inglês, por outras professoras. Eu entro nas turmas de 1º e 2º anos, uma vez na semana, e em turmas de



Pintura em guache sobre papelão couro, retratando movimentos da capoeira como se os alunos estivessem com pincéis nos pés e nas mãos.

3º e 4º anos, duas vezes por semana. Sou um complemento, um reforço e falo em nossa língua materna, o português. Daí, não consigo desenvolver projetos tão longos como nas outras escolas em que já trabalhei.

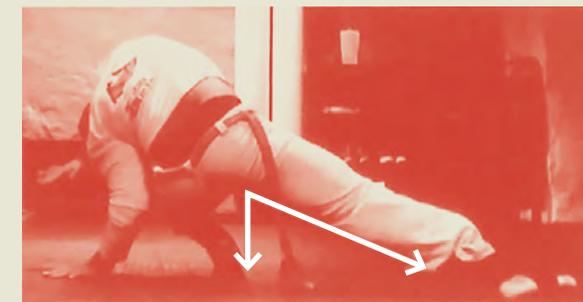
Sempre que posso, desenvolvo trabalhos em parceria com professores de Artes, de Corpo e Movimento, de Maker, com as professoras que ministram aulas em Inglês (Math, Science e Ensino da Língua Inglesa) e com as professoras que ministram aulas em português (História, Geografia, Redação, leitura e interpretação de texto e gramática).

Já desenvolvi atividades conectando a Matemática com contos clássicos da literatura infantojuvenil; planetas e naves espaciais; monstros; diferentes embalagens de diversos produtos; bichinhos e cartas, inspirados nas cartas de Pokémons; a arquitetura de edificações do mundo e do Recife; obras de arte de Vik Muniz, Van Gogh, Anita Malfatti e Tarsila do Amaral; o mapa da minha cidade; a maratona de Alsácia, na França; antigas civilizações; ancestralidade dos alunos; os pisos, as paredes, as grades ou os cobogós de nossas casas, encontrados nas ruas ou nas casas de parentes; os quipus incas; supermercados das medidas (litro, metro e grama); sorveterias; fotografias.

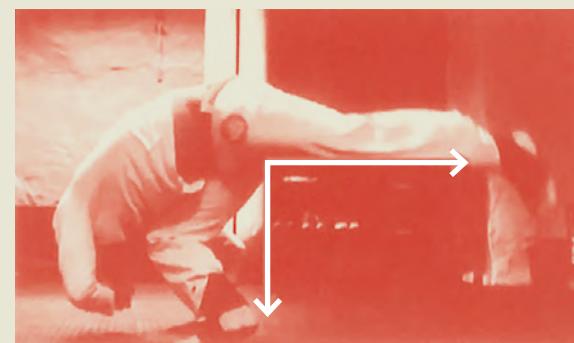
Irei dar destaque e relatar de forma mais detalhada dois trabalhos que estão conectados aos povos africanos e aos afrodescendentes no Brasil: um ampliou o uso da capoeira como mote para o estudo de conceitos da Geometria e de Medidas de Tempo e outro conectou os símbolos africanos Adinkras com conceitos da Geometria.

A CAPOEIRA

A capoeira fincou seu espaço e garantiu presença anual em minhas aulas. Até hoje, faço uma ligação entre alguns movimentos dessa luta e conteúdos da geometria, como giros, círculo, circunferência e ângulos. Faço parcerias com professores de Educação Física e trazemos grupos de capoeira de nossa região para encontro de conversas e práticas.



ÂNGULO AGUDO



ÂNGULO RETO



ÂNGULO OBTUSO

Alguns desses grupos estão ligados a movimentos negros e sempre trazem uma valorização da cultura afro em nosso país.

Destacarei o ano de 2019, em que consegui uma parceria com quase todos os professores do 4º ano. Junto com os alunos, fiz uma linha do tempo contando a história da capoeira, desde a diáspora africana até o ano de 2008, quando a roda de capoeira foi reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, pela UNESCO. Conectei com os estudos de História do Brasil que estavam sendo realizados pelas professoras das matérias ministradas em português. Assim, pude trabalhar conceitos de milênio, século e ano, do eixo de Grandezas e Medidas da Matemática.

Continuei a trabalhar alguns conteúdos do eixo de Geometria, como: ângulos agudos, retos, obtusos, rasos, giros de 90°, 180°, 270° e 360°, conceitos de círculo e circunferência. Esses conceitos foram parar numa obra de arte coletiva, realizada nas aulas do arte educador Claudyo Motta. O quadro retratou os movimentos como se os pés e as mãos estivessem jogando capoeira em cima do papelão couro. Textos foram criados em inglês e em português, letras de músicas cantadas nas rodas de capoeira foram analisadas e curtidas e todos os trabalhos e registros fotográficos das vivências foram expostos num grande painel interativo num corredor da escola. Foi a experiência mais completa e interdisciplinar que vivi com o tema capoeira.

SÍMBOLOS ADINKRAS

Com uma das turmas do 4º ano, estudando sobre a relação entre civilizações passadas e as atuais no nosso país, eu trouxe os símbolos africanos Adinkras para as minhas aulas de Matemática. Esses símbolos ideográficos pertencem ao povo acã, que povoa atualmente a região de parte de Gana e da Costa do Marfim. Adinkra significa “adeus à alma” e são estampados em tecidos usados em ocasiões fúnebres ou em festivais para homenagear pessoas importantes. Existem mais de 90 desses símbolos e cada um tem um significado.

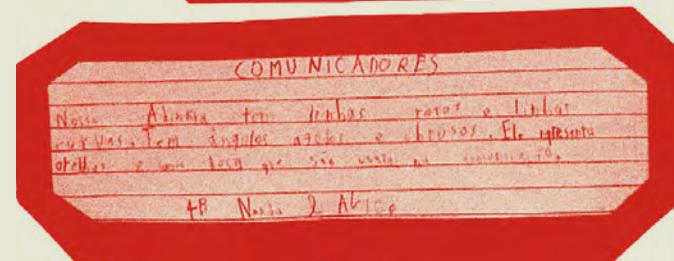
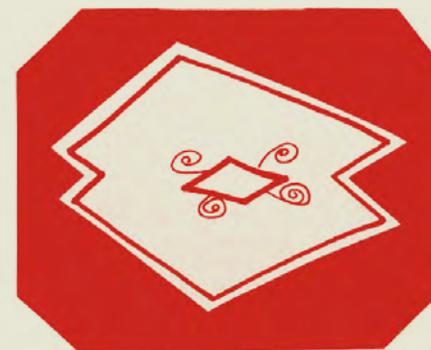
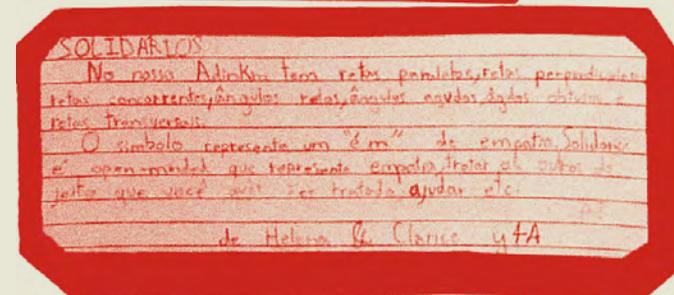


Alguns dos Adinkras foram apresentados aos alunos, que fizeram uma análise dos mesmos, procurando elementos da geometria que pudessem ser vistos neles. Neste momento, vi os conhecimentos prévios que os alunos traziam e fui ampliando com aqueles que eu queria trabalhar. Muitos conceitos puderam ser explorados: simetria, linhas curvas, retas paralelas, retas concorrentes, retas perpendiculares, ângulos retos, agudos e obtusos.

Para finalizar o trabalho, os alunos foram desafiados a criarem seus próprios símbolos “Adinkras”, utilizando os elementos da Geometria vistos em sala de aula, cada um com o significado que escolhessem representar. Surgiram símbolos belíssimos que foram expostos para toda a comunidade escolar apreciar.

Mesmo focando mais na Matemática, a interdisciplinaridade nunca deixou de estar presente em minha prática pedagógica. Encontrar possíveis intersecções entre a Matemática e as outras áreas do currículo escolar não é algo difícil para mim, pois passei a enxergar essa conexão em tudo: obras de artes, histórias infantojuvenis, esportes, natureza, acontecimentos, mundos, espaços, medidas, chão, parede, teto, tempo, música... Sou completamente apaixonada por essa matemática que pulsa em nossas vidas!

De forma leve e dinâmica tenho conseguido colocar em prática um pouco do que as leis 10.639/03 e 11.645/08 propõem. Não me sinto com apropriação para falar de dores e de injustiças das quais não fiz parte, não senti na pele. Não as escondo, mas falo, pesquiso e medeio o saber prazeroso, mais conectado à beleza e à cultura afro-brasileira e indígena, tudo que faz vibrar meu coração e encanta meu olhar. Quero que meus alunos sintam orgulho de ter tudo isso em seu país e que, através do conhecer contemplativo e apaixonado, possam respeitar e propagar a existência dessa diversidade que é tão característica de nosso povo.



Os 27 símbolos como estes acima, criados pelos alunos e inspirados nos Adinkras africanos, foram agrupados criando um painel expositivo.

*O audiovisual pode ser instrumento
de persistência do saber oral*

O caminho da contraflecha

GABRIELA MONTEIRO



A tradição de oralidade está presente na cultura de diversos povos originários que habitavam e ainda hoje habitam o território brasileiro, bem como nos movimentos de cultura popular que tem como base culturas indígenas e afro-brasileiras. A fala ainda é a principal ferramenta de transmissão de saberes, pois carrega consigo a capacidade de compartilhar histórias, medicinas, cânticos e cosmopercepções. Possibilita a perpetuação de conhecimentos utilizando-se da primeira e mais tradicional ferramenta comunicativa que acessamos.

Com o processo de invasão territorial do que veio a ser chamado “Brasil” e a pungente colonização, uma das estratégias de etnocídio e fragmentação da organização sociopolítica dos diversos povos indígenas foi a condenação do uso de línguas nativas, a demonização de espiritualidades não-cristãs e o esvaziamento cultural de narrativas tradicionais, objetivando uma perspectiva evolucionista. Nesse sentido, o cuidado para a perpetuação dessas narrativas resistentes ao epistemicídio segue, até os dias atuais, sendo de constante resistência, guerreando contra os atropelos causados pela ocidentalização e colonialidade (QUIJANO, 1992, p. 14).

O Yaathé, por exemplo, língua ágrafa, viva e falada cotidianamente no Território Indígena Fulni-ô, na região Agreste do estado de Pernambuco. Apesar de ser o único idioma indígena falado fluentemente no estado, sendo ensinado como primeira língua nas escolas estaduais indígenas do território demarcado, foram diversas as investidas em sua aniquilação — uma entre tantas estratégias de etnocídio do povo. A linguagem tradicional está profundamente relacionada com a memória coletiva e os costumes do povo, logo, a oralidade do Yaathê também se constrói na dicção, na musicalidade e na transmissão de conhecimentos de geração para geração.

Ao passo que as constantes tentativas de apagamento travam esta disputa, impondo idiomas colonizadores e culturas hegemônicas, outros movimentos se fortalecem em busca de reconstruir o imaginário supostamente perdido. No caminho de criar outras leituras e restabelecer a diversidade destas construções, as mesmas armas/mecanismos utilizados para oprimir, por exemplo os filmes de grande circulação comercial nos territórios ocidentais ou considerados cânones, que são

reprodutores de narrativas que favorecem o pensamento colonial, são apropriadas e utilizadas como contraflecha, como resposta, estratégia de defesa e continuidade. Criar linguagem a partir de meios de comunicação contemporâneos possibilita registros que atravessem tempo/ espaço e contribuem para o fortalecimento da identidade, seja dentro dos seus próprios territórios ancestrais ou a nível global.

O cinema é uma janela que se abre para conseguirmos acessar outras histórias, outras vidas e, através das personagens presentes, nos colocamos no lugar do outro para entender um pouco mais daquele mundo que está sendo representado. Na educação, pode ser uma ferramenta muito potente, por transformar uma obra cinematográfica em dispositivo pedagógico que exercita a alteridade e compreensão de diferentes realidades ao mesmo tempo em que possibilita a representação de nossa própria história, fortalecendo o senso de identidade e pertencimento dos estudantes ao permiti-los observar a comunidade que vivem como relevante para construção social e histórica de conhecimento.

Levando em consideração a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que promove em seu regimento a prática da transdisciplinaridade, uma obra audiovisual possibilita a formação de leituras que partem não somente do conteúdo, mas da construção de sentidos relacionados à contextualização sociocultural a partir de elementos visuais e sonoros.

Inserir o cinema no cotidiano escolar torna-se importante pela possibilidade de criar momentos de integração de diversos conteúdos, estimulando o debate, o aumento da socialização entre os estudantes e a compreensão de análises críticas sobre a relação do ser humano com o mundo que o cerca. Logo, entender a mídia e suas produções não apenas como uma atividade pedagógica complementar, mas como ato criativo, apresentando o filme como um gesto de criação, portador de ideologia e discurso próprio.

Além disso, carregando também a possibilidade de perpetuação da memória coletiva, através de registros que mostram hábitos, danças, cantos e contação de histórias tradicionais pertencentes a comunidade, como as obras produzidas pelo Coletivo Fulni-ô de Cinema e o Thul'sê Audiovisual. Ambas produtoras independentes, com equipe constituída por indígenas da etnia Fulni-ô, e que têm como base o seu próprio

território para a construção de obras documentais e ficcionais que partem da sua cosmo percepção e idioma materno.

Desde adolescente me interesse por cinema e, mesmo quando ingressei na graduação em Licenciatura em Letras, no Campus Mata Norte da Universidade de Pernambuco, tentei relacionar o curso a esta linguagem. As disciplinas de conhecimentos pedagógicos falavam de tendências contemporâneas relacionadas à apropriação de tecnologias voltadas para a educação como forma de auxiliar no processo de ensino-aprendizagem, passei a voltar minha atenção para esta prática, enquanto bolsista do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID/UPE/CAPES).

Comumente eram selecionados pelos professores regentes filmes que reforçam narrativas comerciais e hollywoodianas, mundialmente populares, com o intuito de gerar entretenimento, porém, ao término da exibição, a atividade parecia ser reduzida a apenas um momento de distração. Percebi que, ao utilizar o audiovisual em sala de aula, apesar de algumas práticas exitosas, existe uma carência de conhecimento e formação sobre o uso desta ferramenta que não se restringia à disciplina de língua estrangeira.

De forma simultânea às atividades acadêmicas, tive a oportunidade de fazer parte do Cineclube Canavial Arte e Cultura, em Caueiras, distrito localizado na zona rural do município de Aliança, e do Cineclube Tela da Mata, em Nazaré da Mata, ambos realizados na Zona da Mata Norte do estado de Pernambuco. E foi nessa movimentação de observar a exibição de filmes ocidentalizados e etnocentristas em atividades do ensino escolar básico, enquanto tinha a liberdade de fazer curadoria de programação e pensar nos desdobramentos educativos que surgem informalmente nos movimentos cineclubistas, que comecei a refletir sobre a importância desta atividade para compreender o contexto sociocultural inserido.

Quando fui monitora do curso de extensão “Formação de Leitores texto literário numa relação com a pintura, a fotografia e o cinema”, em 2017, voltado para a compreensão de relação intersemiótica para professores de Língua Portuguesa e Artes de escolas públicas lotadas na GRE Mata Norte, que comecei a compreender de forma prática os caminhos que levavam ao cinema como um portal pedagógico.

Foi lá que conheci a respeito da Lei 13.006/14, que propunha acrescentar o parágrafo 6º ao artigo 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que pretende suprir uma carência existente no ambiente escolar de espaço e incentivo à fruição e fazer artístico ao determinar que “a exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por no mínimo duas horas mensais”.

Alguns anos depois, tive novamente a oportunidade de desenvolver atividades com o cinema em sala de aula, mas dessa vez como professora regente. Em 2021, ainda durante a pandemia da covid-19, ministrava as disciplinas de Língua Inglesa e Artes no Ensino de Jovens e Adultos na Escola Santo Inácio de Loyola, localizada em Olinda, no território do Xambá, primeiro quilombo urbano do Nordeste, com título concedido pela Fundação Cultural Palmares, em 2007. Em referência ao Dia da Consciência Negra, toda a equipe docente se organizou para realizar falas e apresentações culturais voltada para esta temática e a minha contribuição foi uma sessão de filmes, seguido de uma conversa sobre a exibição.

Foram três obras escolhidas para serem exibidas naquela noite: o curta metragem “Disque-quilombola” (2012), dirigido por David Reeks, o curta-metragem de ficção “Deus” (2017), de Vinicius Silva e o videoclipe “Quilombo Urbano” (2021), da banda Abulidu. No primeiro, por meio de uma brincadeira de conversa na lata, crianças da comunidade quilombola São Cristóvão, na região de Sapê do Norte (ES) e do Morro de São Benedito, na capital capixaba, conversam sobre costumes e brincadeiras em comum. Já a ficção “Deus”, de forma delicada e impactante, mostra a luta cotidiana de uma mulher preta e periférica, que vive e cuida sozinha do seu filho. Fechando a programação da exibição com música e ancestralidade, a canção da banda pernambucana fala sobre racismo e igualdade racial, fortalecendo a ideia da construção de redes a partir da identidade quilombola. Os integrantes da banda fazem parte da Xambá e o vídeo foi dirigido pelo realizador audiovisual Rennan Peixe, com produção majoritariamente formada por pessoas negras pertencentes a esta comunidade tradicional.

O momento de conversa após a exibição foi muito especial por ter sido possível perceber o interesse nas matérias que os vídeos constroem na sessão e fortalecem o senso de comunidade. Algumas pessoas iniciaram a conversa lembrando as brincadeiras de suas infâncias, em contato com a terra, natureza, comparando com as gerações atuais, que já não tem mais os mesmos hábitos por diversos motivos. As mulheres presentes naquele momento tiveram maior participação comentando sobre o curta-metragem de ficção ao identificarem-se com a árdua rotina das mães-solo na luta pela sobrevivência e manutenção da própria família. Em relação ao clipe, os comentários não foram feitos necessariamente sobre a letra da canção, mas sobre a musicalidade dançante, sobre a alegria trazida através de cores nas locações, figurinos e movimentos corporais, além de algumas musicistas e dançarinas conhecidas por fazerem parte da vizinhança.

Experiências como essa me fazem pensar sobre a importância da escola como esse elo com a cultura e cosmopercepção de povos subalternizados perante a estrutura colonial, mirando a importância da representação identitária como forma de tornar o ambiente escolar um lugar de reflexão, acolhimento das histórias, lutas e hábitos cotidianos da comunidade. A linguagem do cinema em sala de aula pode ser caminho de retomada de narrativas e, também, de salvaguarda para transmissão de saberes ancestrais para as futuras gerações, levando em consideração o contexto sociocultural em que a escola está inserida.

Para isso, faz toda a diferença também que a escolha das obras exibidas seja feita com sensibilidade, levando em consideração não só a temática, mas onde a história se passa, por quem a obra foi produzida, se tem a presença de pessoas não-brancas como protagonistas, se tem a presença de pessoas LGBTQIAP+, se as personagens são estereotipadas, dentre outros fatores que contribuem para a fetichização dos corpos. Cada detalhe é importante para levar um conteúdo que tenha o compromisso de levantar vozes insubmissas através de obras feitas por pessoas dissidentes e no objetivo de mostrar, para as suas próprias visões e perspectivas de mundo.

Existem muitos saberes da tradição oral em culturas contra-hegemônicas que conhecemos desde criança através de contação de história

por nossos mais velhos e mais velhas, ou mesmo pelo cotidiano cultural do local onde vivemos e pelas pessoas que nos cercam. Tantos foram os que já se perderam por vivermos em um mundo onde a relevância científica está voltada apenas para referências acadêmicas cartesianas. Para romper com a lógica do ensino que contribui com a colonialidade e, por consequência, com a invisibilização de epistemologias das populações originárias e afrodiáspóricas, é preciso ter autonomia em nossa própria formação, criando elos que subvertem essa lógica, a fim de fazer prevalecer a memória cultural como pilar na construção de conhecimento.

REFERÊNCIAS

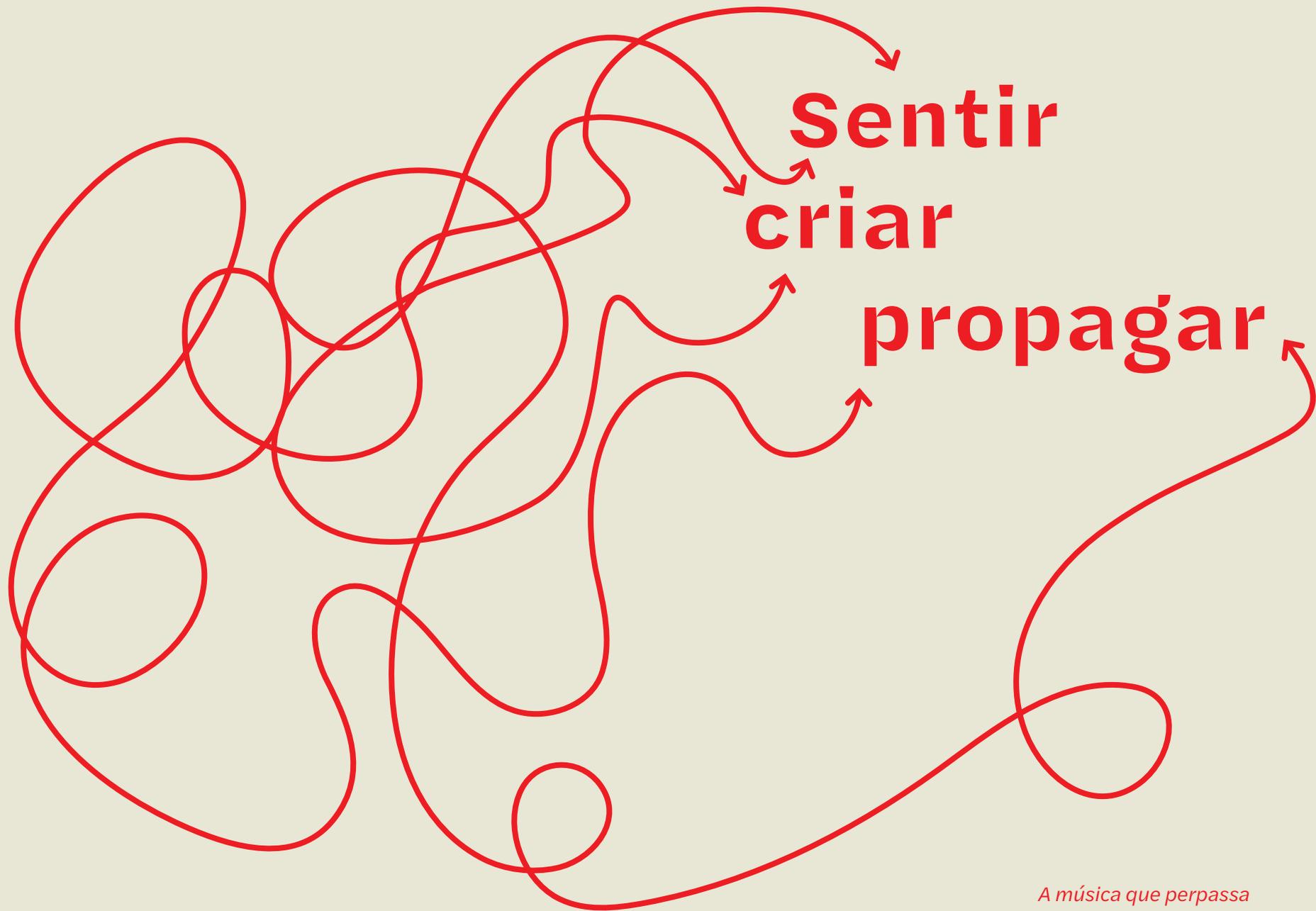
BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y Modernidad/ Racionalidad. Lima: Perú Indígena, v. 13, nº 29, p. 11-20, 1992.

DISQUE Quilombola. Direção: David Reeks. Produção: Fernando Caldeira. Youtube. 2016. 13 minutos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GSTv-f_bcfU>.

DEUS. Direção: Vinícius Silva. Produção: Rodrigo Acedo. Vimeo. 25 minutos. 2017. Disponível em: <<https://vimeo.com/214680258>>.

ABULIDU. Abulidu – Quilombo urbano (Official Video). Direção: Rennan Peixe. Produção: Diáspora. DOC. Youtube. 5 minutos. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iFNBSzCnk9I>>.



Sentir

criar

propagar

*A música que perpassa
a vida entrelaçando arte,
cultura e educação*

GIVANILSON SOARES

No íntimo do ventre materno acontece o nosso primeiro contato com a música. A batida do coração, o som do líquido amniótico que envolve nosso corpo num embalo suave, as melodias cantadas por nossa mãe e todos os sons desse ambiente único e tranquilo. Essa experiência auditiva contribui para nossa formação e a relação com a música por toda vida no mundo exterior.

Agora pensa comigo... iniciar a vida num país onde há uma riqueza cultural gigante, onde há manifestações populares em cada cantinho, em cada esquina... faz com que seja alta a probabilidade de que no primeiro minuto fora do ventre da nossa mãe já possamos reconhecer e criar laços com os diversos ritmos musicais do nosso país.

Nascer no Rio de Janeiro já com samba pulsando nas veias, na Bahia com samba-reggae; em Pernambuco com maracatu batendo forte no coração; os exemplos poderiam facilmente ocupar muitas páginas desta publicação. Se um dia tivermos a oportunidade de conversar em alguma praça ou embaixo de uma árvore, será fácil perceber o quanto sou fascinado pelas relações existentes entre a música, a cultura e a sociedade. Nos últimos dias, inclusive, batendo um bom papo com uma amiga de trabalho, conheci um conceito apresentado por ela que tem tudo a ver com essa discussão: a etnomusicologia, que de forma ampla trata como podemos compreender o papel fundamental da música na vida das pessoas, a partir do mergulho em experiências sonoras de diferentes povos.

Como docente, percebo que a música atrelada à educação possibilita explorar a riqueza de muitas tradições pelo mundo afora, promovendo a empatia e a compreensão intercultural, além de proporcionar maneiras criativas de enriquecer o processo de ensino-aprendizagem. Quando falamos em cultura penso, imediatamente, em ancestralidade, a conexão que perpassa as raízes da humanidade, e em como a música transmite valores e tradições de geração para geração, pois nossos antepassados usaram-na como forma de expressão em rituais, em celebrações e nas mais diversas narrativas que contribuem para construção da nossa identidade.

Com relação à educação e sobre a prática em sala de aula, compreender nossas raízes e estudar nosso passado cultural, faz com que possamos dialogar com as gerações mais jovens sobre a importância de valorizarmos nossa riqueza ancestral. E a partir da análise das letras

das músicas, por exemplo, assimilar processos de luta por igualdade, por respeito e justiça. Nessa perspectiva, trago alguns versos da música Quilombo Axé, de autoria do Mestre Zumbi Bahia:

Irmãos e irmãs assumam sua raça assumam sua cor
Essa beleza negra Olorum quem criou
Vem pro quilombo axé dançar o Nagô
Todos unidos num só pensamento levando a origem desse
carnaval desse toque colossal
Pra denunciar o Racismo
Contra o Apartheid Brasileiro
13 de Maio não é dia de negro
13 de Maio não é dia de negro
quilombo axé colofe colofe colofe Olorum

Uma frase marcante como “13 de Maio não é dia de negro”, por exemplo, é uma crítica direta à revogação da escravidão no Brasil, oficializada em 13 de maio de 1888. A data não deve ser celebrada como o dia da liberdade dos povos escravizados, uma vez que a abolição não resolveu os problemas do racismo estrutural e da desigualdade. Até aqui vemos o quanto a música é uma ferramenta essencial para o mergulho em muitas histórias, além de trazer temáticas que estimulam a consciência crítica.

Vale lembrar que as Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 exigem que se trabalhe as temáticas afro-brasileira e indígena nas escolas. Essas leis desempenham um papel fundamental na construção de uma educação mais inclusiva, plural e respeitosa com a diversidade étnica e cultural do Brasil. A Lei 10.639/03 estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas de ensino fundamental e médio, integrando esses conteúdos ao currículo escolar. Ela busca resgatar e valorizar a contribuição dos negros na formação da sociedade brasileira, combatendo o racismo e promovendo uma educação que respeite a

identidade e a história dos afrodescendentes. A Lei 11.645/08, por sua vez, amplia o escopo dessa abordagem inclusiva ao incluir também o ensino da história e cultura indígena. Ela reconhece a importância de valorizar as diversas etnias indígenas presentes no Brasil e de respeitar suas tradições, línguas e contribuições para a formação do país.

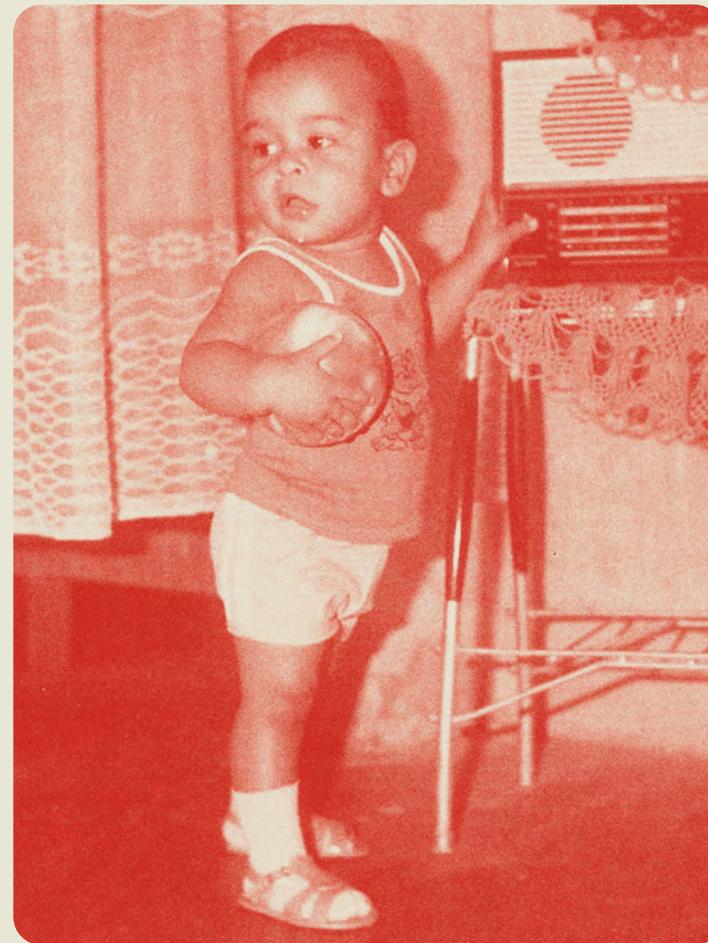
Esse repertório permite que estudantes afrodescendentes e indígenas se vejam representados no currículo escolar, fortalecendo sua autoestima e a identidade, contribuindo para o seu melhor desenvolvimento acadêmico e social.

DESDE CEDO

Lá no início, afirmei que nosso contato com os sons acontece desde muito cedo e comigo não foi diferente. Minha mãe sempre gostou de ouvir música, até hoje ela diz: “prefiro o rádio que a televisão” e foi nesse ambiente sonoro que eu cresci. Já acordava ao som do rádio e nessa época, bem pequenino, passava horas ouvindo Alceu Valença, Edson Gomes, Chiclete com Banana, Raça Negra, Selma do Coco, Lia de Itamaracá, dentre outros artistas. Sim! Tenho uma família super eclética e toda essa diversidade contribui bastante para construção da minha identidade.

Cinco minutos conversando sobre mim com minha mãe e ela vai lembrar do quanto eu gostava do carnaval quando era criança. “Givanilson, no carnaval; fazia eu e o pai sair na rua o acompanhando; ele que saía na frente com uma caixa de papelão na cabeça cantando: tum, dum, tum; tum dum, tum... A La Ursa quer dinheiro, quem não dá é pirangueiro! Esse era parada viu!” E de fato a La Ursa é um dos personagens da cultura popular que me encanta até hoje, além do Caboclo de Lança. Esse eu ouvia de longe quando se aproximava, ficava bem quietinho no terraço esperando ele passar; sempre perguntava-me: de onde ele vem e para onde ele vai?

Além dessas vivências na humilde casa que morávamos em Camaragibe eu tinha um contato muito próximo com minha avó que morava em São Lourenço da Mata, sempre íamos na casa dela e foi nessas



Em 1986, 10 meses de idade.

visitas que tive o primeiro contato com a religião de matriz africana. Eu era uma criança muito curiosa entrava no quarto dela, observava as imagens dos orixás e dos santos do catolicismo num pequeno altar, olhava os álbuns de fotos com imagens de celebrações e via as saias que muitas vezes estavam estendidas no varal. Porém, quando eu perguntava sobre aquele universo que me encantava, sempre era repreendido, ouvia a resposta: isso não é coisa de criança.

Ainda na infância, nos mudamos e fomos morar com minha avó; depois passamos para outra casa no mesmo terreno. Nos aproximamos ainda

mais e quando ela faleceu, entrei num estado de profunda depressão. Meses depois fiquei sabendo que no Centro Social Urbano, que ficava no centro da cidade abriria turmas de percussão, jardinagem, capoeira e reflexologia; era uma ação promovida na época pelo Movimento Tortura Nunca Mais. Fiquei interessado em fazer percussão, fui incentivado pela minha mãe e meu pai, pelo meu tio (professor aposentado) que morava com a minha avó e também estava bastante triste. “Vai fazer, vai ser bom, você vai sair de casa um pouco, sempre quis tocar; chegou a hora”, eles diziam. Eu fui e aos poucos superando a dor e me sentindo mais forte; a alfaia foi o primeiro instrumento que aprendi a tocar e até hoje ela me acompanha em várias aulas, formações e contações de histórias.

Essa experiência durou seis meses, depois atuei no Programa de Animação Cultural da Prefeitura do Recife, onde dava aulas de percussão em escolas da rede municipal. Nesse período aprendi bastante também, tivemos oficinas com Naná Vasconcelos, Eder “O” Rocha e outros grandes percussionistas. Além disso, comecei a frequentar ensaios de nações de maracatu, sambadas de coco e outras manifestações da nossa cultura popular. Nesse mesmo período estava estudando para prestar o vestibular em pedagogia, escolha por influência do meu tio que dedicou a vida à docência.



Tocando no Batuque Ewê,
São Lourenço da Mata, 2005.

Iniciei a graduação na UFPE mergulhado em nossas tradições populares, foi um momento de muita aprendizagem nos dois eixos: cultura e educação. No ano seguinte, o contrato como Animador Cultural chegou ao fim e fui convidado para dar aulas de Língua Portuguesa em escolas de São Lourenço da Mata. As exigências da universidade aumentaram, e assim, fui dedicando-me à área educacional e afastando-me dos eventos e vivências culturais.

PROFESSOR

Em 2013 fui convocado para assumir o concurso que havia realizado no ano anterior. Voltei a atuar nas escolas da rede municipal de Recife, agora como professor polivalente. Estava super feliz com a conquista, até a chegada do grande dia, o primeiro contato com uma turma onde eu seria o professor. Deparar-me com aquela realidade foi bastante chocante para mim, fui atuar no anexo da Escola Municipal Prof. José Lourenço de Lima no Ibura, na época era uma casa adaptada, um espaço bem pequeno e com condições bem difíceis para desenvolver nosso trabalho docente.

Além disso, estávamos no mês de outubro, a turma era de 1º ano, crianças de seis a sete anos. Com a minha chegada, a professora, que era contratada e muito querida pelos alunos, teve que sair. Foi uma grande comoção, as crianças passaram boa parte do turno chorando, pedindo para que ela voltasse. Tive uma manhã bastante complicada, pensei várias vezes em desistir. Os dias foram passando e a situação só piorava, tentava de várias formas chamar a atenção delas, mas não tinha êxito.

Eis que numa determinada manhã decidi levar um pandeiro para aula e quando o tirei da bolsa, percebi o brilho nos olhos de toda turma, a curiosidade tomou conta e todas queriam saber o que iríamos fazer, se poderiam tocar também... foi a primeira vez que senti o interesse total delas e compreendi que tinha um grande aliado nas mãos. Para esse dia tinha separado algumas músicas, as crianças participaram batendo palmas e cantando, o refrão de Quadro Negro, canção de Jackson do Pandeiro, fez o maior sucesso:

Um bê com a bê-a ba
Um bê com e bê-e bé
Um bê com i bê-i bi
Um bê com o bê-o bó
Olha vamos estudar que é melhor

Desse dia em diante a música começou a fazer parte da minha prática pedagógica de forma intensa, toda semana planejava várias atividades onde desenvolvíamos diversas habilidades a partir de atividades lúdicas que proporcionassem interação, movimento e prazer nos processos de ensino-aprendizagem. No ano seguinte, já conseguia realizar momentos integrando outras turmas, para isso utilizava um pequeno pátio que havia na sede da escola.

OUVIR OS MESTRES

Em conjunto com a música, comecei a levar para a escola toda experiência vivida no âmbito da cultura popular, buscava relacionar os saberes ao currículo da rede municipal de ensino e a cada vivência tínhamos novas descobertas. Era lindo ver as crianças interessadas, participando das atividades e ao mesmo tempo valorizando nossas raízes históricas. Maracatu, capoeira, coco de roda, ciranda, afoxé, cavalo marinho dentre outras manifestações culturais passaram a fazer parte da nossa rotina.

Durante o ano, convidava para escola pessoas que trabalhavam com cultura popular, elas sempre contribuíam contando um pouco da sua história e como a arte tinha o poder de transformar a realidade. Era sempre um momento de muita troca, pois as crianças mostravam-se muito curiosas e faziam diversas perguntas. Uma das visitas mais marcantes foi, sem dúvida, a do Mestre Zé Negão de Camaragibe.



Atividade com Mestre Zé Negão no Pátio da Escola Municipal Professor José Lourenço de Lima, em 2015.

Ouvir diretamente de um mestre é uma aula viva e emocionante. Conversamos sobre ritmos, instrumentos e os passos característicos do coco de roda. Ele dividiu conosco a paixão e o amor pela cultura que o impulsionaram ao longo dos anos. Sua energia contagiante nos inspirou a apreciar e respeitar nossas raízes, e sua presença física na escola tornou essa conexão ainda mais tangível.

Sua visita ressaltou a importância de preservar e valorizar as tradições populares em um mundo em constante mudança. A cultura popular, como o coco de roda, é um tesouro que precisa ser cultivado com as gerações mais jovens. Essa experiência não foi apenas uma lição sobre uma forma de arte, mas trouxe a importância da diversidade e da preservação das tradições locais. Aprendemos que a nossa identidade é enriquecida por meio de encontros com mestres da cultura popular, que são guardiões de nosso patrimônio imaterial.

Portanto, levar um mestre de coco de roda para a escola é uma oportunidade inestimável, um lembrete vivo de que nossa cultura é um ativo precioso que merece ser celebrado, compartilhado e protegido. É uma aula que transcende os livros didáticos e deixa uma marca inesquecível na alma de quem a vive.



O BOI SONORO

Em 2017, fui trabalhar na Escola Municipal Diná de Oliveira numa turma de 4º ano; deparei-me com outra realidade; a instituição apresentava uma ótima estrutura; porém era notório o reflexo da violência da comunidade do DETRAN na sala de aula. As brigas e xingamentos eram constantes, boa parte do dia eu precisava interromper para estabelecer harmonia, foi mais um grande desafio.

No início do ano recebemos alguns livros para trabalhar com as turmas, um deles foi a Festa de Bois, de Arlene Holanda e Lenice Gomes, da editora IMEPH. Inserir elementos da nossa cultura popular nas práticas educacionais e fazer o resgate das nossas tradições contribui para a manutenção e a construção das nossas identidades, além de promover a cultura de paz. Desenvolver um projeto com a obra citada proporcionou momentos de aprofundamento no folguedo possibilitando pelas atividades propostas, vivências que nos levaram para um universo de paz, harmonia e troca de aprendizagens.

Por intermédio da leitura da obra, pudemos trabalhar os costumes de algumas regiões onde há essa manifestação, além de estabelecer relações com outras áreas de conhecimento, abordando o conceito e estrutura textual da Literatura de Cordel, por exemplo. No primeiro

momento, buscamos os conhecimentos prévios, analisando a capa e título do livro. Inferimos sobre o que seria a história e alguns estudantes da turma mostraram-se bastante animados e expuseram suas experiências, dialogando sobre seus conhecimentos em relação ao Bumba-Meu-Boi.

Em seguida partimos para leitura compartilhada e foram necessárias pausas para explicar determinados termos como arado, ganzás, tino, definhando, entre outros. Durante a leitura também conversamos sobre alguns costumes do povo do campo, esclarecendo que essa manifestação tem forte presença das culturas indígena e africana e que se trata de folguedo que retrata a vida pastoril bastante difícil em algumas regiões do nordeste.

Buscamos conhecer a sua estrutura textual e percebemos que ela é constituída em quadras (estrofes de quatro versos), estilo ao qual o cordel foi iniciado e que hoje é bastante utilizado na poesia sertaneja, matuta, embolada, entre outros. Identificamos as rimas presentes no texto e como elas foram organizadas, em seguida criamos coletivamente novas rimas, o que resultou no surgimento de um novo texto. Segue um trechinho:

Na escola tem um Boi	É apenas brincadeira
Muito esperto e colorido	Sua haste é de tecido
Ele gosta de dançar	Um rabo de cordão
E de brincar comigo	Tudo bem envelhecido

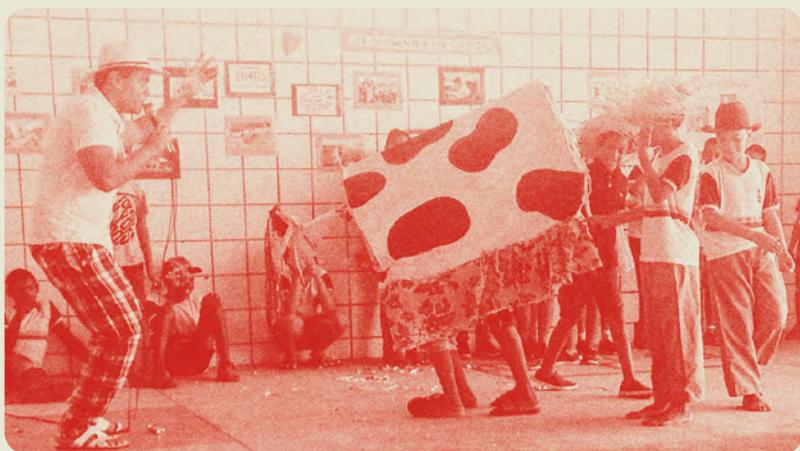
Na hora do recreio	O tio nos ensinou
Vive alegre a saltitar	Que há vários no Brasil
Adoro suas cores	Conta a história do boi
E seu jeito de rodar	Que morreu e ressurgiu

Nessa festa animada
Pulo, pulo sem parar
Corro, abaixo e levanto
Pra chifrada não levar

Em outro dia da semana, construímos um boi, nomeado Boi Sonoro, utilizando copinhos de iogurte. Essa denominação veio por conta de sua utilização como instrumento musical, pois colocamos dentro de cada boi uma pequena porção de grãos de arroz para que ele produzisse um som semelhante a um chocalho. Aproveitamos a oportunidade para conversar sobre sustentabilidade e a importância de preservarmos o meio ambiente, já que os recipientes encontrados em sua maioria nas ruas e descartados de maneira incorreta se tornaram brinquedos.

Todo esse universo nos conduziu à produção de uma peça teatral, a apresentação ocorreu no pátio da escola. Inicialmente dividimos as personagens e as falas. Em seguida, partimos para a encenação e nos limitamos à passagem do livro que conta como surgiu o Boi-bumbá. Ao final da peça, na hora em que o boi ressuscita, acrescentamos uma música intitulada “Bumba Meu Boi”, de Jackson do Pandeiro.

Através das vivências da cultura popular, os estudantes se conectaram com elementos familiares de seu ambiente e origens e estreitaram laços afetivos com a turma. Isso cria um senso de pertencimento e valorização de suas próprias raízes. Muitos conceitos abordados nos currículos escolares podem ser de difícil compreensão para as crianças; porém essas práticas proporcionam uma maneira tangível de contextualizar os assuntos a serem trabalhados. A Matemática pode ser ensinada através de jogos, músicas tradicionais e capoeira, por exemplo.



PASSARINHO AZUL

Dançar, cantar canções populares e realizar atividades em grupo estimula a cooperação, o trabalho em equipe e o respeito pelos outros. Essas habilidades sociais são essenciais tanto na escola quanto na vida. Além de estimular a criatividade, promovemos a diversidade compreendendo que existem muitas maneiras de enxergar e vivenciar as manifestações culturais espalhadas pelo nosso país.

É essencial que nosso trabalho trate da importância das culturas africana e indígena em nossa história e sociedade, e que desenvolva nos estudantes um respeito genuíno à diversidade. Uma das maneiras mais envolventes de alcançar esse objetivo é oferecer atividades práticas perpassadas pela música e experiências vivenciais que permitam aos alunos mergulharem nas diversas manifestações de maneira autêntica.

Podemos desenvolver durante todo ano letivo oficinas de instrumentos africanos, a partir de materiais recicláveis, possibilitando que as turmas aprofundem os conhecimentos e ainda tenham o prazer de construir e tocar seus próprios instrumentos. Explorar canções e danças tradicionais e abordando como a música desempenha um papel vital nas celebrações. Organizar visitas a comunidades indígenas e quilombolas ou promover eventos que possibilitem a interação direta com representantes dessas culturas. Isso favorecerá uma experiência autêntica, além da oportunidade de fazer perguntas e aprender diretamente com quem a vivencia.

Atuando como docente tenho a oportunidade de unir arte, cultura e educação. Nessa caminhada a música abriu as portas para o encantamento e mergulho em diversas linguagens artísticas, fazendo com que eu conseguisse superar as barreiras que encontrei tanto na vida pessoal como em minha carreira profissional. Viver personagens da cultura popular, divertir-me com as crianças quando estou contando histórias, cantando um coco, dançando uma ciranda ou tocando um maracatu; alimenta um sentimento enorme de realização por saber que minha prática pedagógica, além de fazer a diferença na vida das pessoas, vem contribuindo para valorização das nossas raízes.

Bom, não poderia encerrar sem deixar uma música, não é? As vezes eu me arrisco e componho algumas, a que apresentarei a seguir chama-se: “Passarinho Azul”; produzida no ritmo do coco de roda, ela reflete o significado de “Sentir — Criar — Propagar”. Trabalho com essa canção ensinando as crianças a confeccionarem um pássaro de papel, depois começamos a cantá-la e ao som do apito ela escolhem alguém para fazer a troca dos pássaros, esse movimento se repete várias vezes; ao final da dinâmica, explico que a ave simboliza o conhecimento.

Inicialmente nós sentimos o desejo de aprender, criamos o pássaro, ou seja, geramos conhecimento, assimilamos e em seguida propagamos, trocamos e nesse movimento cíclico a história se renova, e o “Passarinho Azul” vive alegre a voar...

Um passarinho azul
Na janela repousou

Mas, logo ele acordou
Bateu asas e voou

Voou, voou, voou
Bateu asas e voou

E é assim que eu gosto de ver
Passarinho alegre a voar

Saindo do seu ninho
Voando no céu sem parar

Voou, voou, voou
Bateu asas e voou

CAMILA SANTIAGO

RESGATAR PARA RESSIGNIFICAR

*Um diálogo através das práticas pedagógicas
entre o ensino de ciências e ancestralidade*



“Nunca é tarde para voltar e
apanhar o que ficou atrás”.
Sankofa (Provérbio Africano)

Deixe-me apresentar que eu acabei de chegar, depois que me escutar você vai conhecer um pouco da minha história e das minhas experiências na educação e vai lembrar meu nome. Me chamo Camila Santiago, mulher preta, periférica, candomblecista, apaixonada pela educação, graduada em Ciências Biológicas e Mestre em Educação em Ciências e Matemática. Atualmente me encontro na função de coordenadora dos anos iniciais e finais de uma escola privada localizada no Alto da Bondade, na cidade de Olinda.

A escolha do tema da minha pesquisa de dissertação se deu a partir das minhas inquietações enquanto estudante da educação básica, em seguida da educação superior e como profissional da educação básica. Minha pesquisa teve como base teórica a teoria da Afrocentricidade proposta por Molefi Kete Asante que traz uma forma de ver e analisar o mundo tendo a perspectiva de pessoas pretas do continente e da diáspora como centro, ou seja, ter o povo preto como sujeitos e agentes da sua própria história.

Na minha pesquisa trabalhei especificamente com a categoria de localização e, teve como objetivo, compreender a marginalidade/centralidade da educação das relações étnico-raciais no curso de licenciatura em Ciências Biológicas da UFPE.

Uma das minhas inquietações era me sentir representada nesses espaços de produção de conhecimento e, enquanto professora, sempre busquei mostrar para meus alunos que também somos produtores de saberes científicos.

Trazendo reflexões da minha prática com o ensino de ciências e vivência do cotidiano escolar para a escrita desse livro, compreendo que dentro da ciência, a troca de pele da serpente indica também renovação. Ao adentrar nessa mata sagrada (que serão os capítulos desse livro) que Oxóssi está presente, que o Ofá dele seja a lança que nos guie ao ultrapassar esse portal, e que possamos nessa trajetória fazer como a serpente nos ressignificar com os novos conceitos que vão surgindo, e que possamos não esquecer o que traz Sankofa, resgatar os ensinamentos do passado (as práticas pedagógicas e vivências experienciadas por esse grupo) para que possamos avançar em um cenário em que a ruptura/descolonização do conhecimento engessado esteja presente.

Ao adentrar na sala de aula e vivenciar na prática o chão da escola, percebemos o quanto é importante discutirmos diversas temáticas em nossas aulas, muitas vezes fazendo ligações com os conteúdos trabalhados nas nossas áreas de ensino. A sala de aula nos permite diariamente refletirmos sobre nossas práticas e, a partir dessa reflexão, nos ressignificarmos.

Refletindo sobre essa ressignificação das práticas pedagógicas e observando o processo de aprendizagem como um caminho que almejamos ser prazeroso para nossos estudantes e também para nós, enquanto professores, compartilho um pouco dessas minhas vivências.

Uma das vivências que tive em sala de aula, com o objetivo de aproximar os alunos ao saber popular e científico, resgatando esse conhecimento que é compartilhado por nossos mais velhos, foi propor aos estudantes que eles confeccionassem exsicatas que são exemplares de plantas secas e prensadas para coleção botânica e herbário, no qual, chamo também de “Glossário das Plantas”.

Na atividade proposta, cada estudante tinha que produzir uma escrita com plantas medicinais que fazia parte do cotidiano de cada um deles, apresentando algumas informações, dentre elas: nome científico e popular, local de coleta e para que serve (utilização). Para produção deste trabalho o(a) estudante teria que conversar com os mais velhos para coletar as informações necessárias sobre determinada planta.

Quando falamos nesse conhecimento que é transmitido oralmente por nossos mais velhos, estamos falando de conhecimentos seculares, considerado patrimônio da cultura imaterial de origem africana. Ao adentrar nos terreiros percebemos o quanto a ciência está presente e o quanto os saberes seculares deixados por nossos ancestrais estão vivos dentro desses espaços. Existe um provérbio africano que fala: “Kó Sí Ewé, Kó Sí Orisá” (Sem folha, não há orixá), praticamente tudo que fazemos dentro dos cultos precisamos das folhas, ervas e dos conhecimentos que aprendemos sobre elas (os conhecimentos que são passados por nossos mais velhos).

Uma das temáticas que podem ser trabalhadas relacionadas à botânica com a lei 10.639/2003 é a etnobotânica “ciência que estuda a interação do homem com as plantas e seus usos tradicionais, destacando

o uso e as informações obtidas a respeito das plantas medicinais. Uma das características principais desta ciência é a troca de informações da cultura popular para o meio científico”.

Outra experiência pedagógica denominada “Laboratório das sensações: Uma vivência sensorial”, teve como objetivo proporcionar aos estudantes, a partir da utilização dos sentidos, reavivar algumas memórias para descobrir determinada erva medicinal.

No ano de 2021 foi desenvolvido na escola na qual sou coordenadora um projeto que englobou todas as disciplinas e a lei 10.639/2003. Esse projeto teve como objetivo desenvolver atividades que valorizem a cultura Africana e Afro-Brasileira, bem como seus valores, lutas e ensinamentos transmitidos à sociedade.





LABORATÓRIO
DE PUBLICAÇÕES
EDUCATIVAS

PROFESSORAS
E PROFESSORES
RESIDENTES

CAMILA SANTIAGO
camila_maria_santiago@hotmail.com
@prof_camila_santiago

CARLOS AVELAR
carlos.avelar@prof.educ.rec.br
@interacaoespacial

ELIANE DUARTE
enaileduarte@hotmail.com

GABRIELA MONTEIRO
feane.lab@gmail.com

GEISIANE PAULA
quilombola.geisianepaulapsilva@gmail.com

GIVANILSON SOARES
givanilson.ped@hotmail.com
@givasoares

HILSON OLEGARIO
hilson.professor@gmail.com

MARIA DA CONCEIÇÃO FREITAS
professoramariafreitas72@gmail.com
@maria_da_conceicao_freitas

TATIANA SARMENTO
tsarmento2018@gmail.com

TERESA FRANÇA
francyaile@gmail.com

REALIZAÇÃO
Oficina Francisco
Brennand

COORDENAÇÃO
Ariana Nuala
Gleyce Kelly Heitor
Mariana Souza
Milla Serejo

PRODUÇÃO
Júlia Meira

CONSULTORIA
PEDAGÓGICA
Bia Lima
Camila Storck

COORDENAÇÃO
EDITORIAL
E DESIGN GRÁFICO
Priscila Gonzaga

REGISTROS
FOTOGRAFICOS
Marina Curcio
Rennan Peixe

BORDADOS
Teresa França

PREPARAÇÃO DE
IMAGENS
Priscila Gonzaga
Jonatas Trombini
(recorte dos
bordados)

REVISÃO GRAMATICAL
Rafael Coelho

OFICINA
FRANCISCO
BRENNAND

CONSELHO
DELIBERATIVO
Francisco
Brennand
(Presidente —
in memorian)
Marianna
Brennand

(Presidente)
Carlos Eugênio
Brennand
Duda Falcão
Fábio Carvalho
Fábio Frayha
Flavio Góes
Francis Reynolds
Helena Brennand
de Souza Leão
Keyna Eleison

Lilia Schwarcz
Marcelo Araújo
Marco Bologna
Maria da
Conceição
Brennand
Maria Helena
Brennand
Tereza Brennand
Oliveira
Tiago Pessôa
Brena Brito
(Conselho Fiscal)
Carlos Vivas
(Conselho Fiscal)
Mauro Araújo
(Conselho Fiscal)

LEGADO ARTÍSTICO
Helcir Roberto de
Almeida
José Mendes
(in memoriam)

EDUCAÇÃO
E PESQUISA
Alexandra Jarocki
Aussuba
Felipe Santana
Henrique Falcão
Indiara Launa
Ingrid Santos
Júlia Meira

PRESIDÊNCIA
Marcos Baptista
Andrade

DIREÇÃO DE
OPERAÇÕES
E FINANÇAS
Ingrid Melo

GERÊNCIA DE
EDUCAÇÃO
E PESQUISA
Ariana Nuala

GERÊNCIA
ARTÍSTICA
Olívia Mindêlo

ASSISTÊNCIA DE
CURADORIA
Rita Vênus

ACERVO
Camila Maria
Santos
(coordenadora)
Marinez Teixeira
(coordenadora)
Elizângela Pedrosa
Aliandro de
Andrade
André Luiz Romão
Gislayne Mendes
Nathalya Sena
Raquel Monteath
Otávio Eugênio

LEGADO ARTÍSTICO
Helcir Roberto de
Almeida
José Mendes
(in memoriam)

EDUCAÇÃO
E PESQUISA
Alexandra Jarocki
Aussuba
Felipe Santana
Henrique Falcão
Indiara Launa
Ingrid Santos
Júlia Meira

Maria Cecília
Villanova
Mariana Souza
Milla Serejo
Sile

COMUNICAÇÃO
Julio Cavani
(coordenador)
Amanda Carvalho
Dupla
Comunicação

OLARIA E
DECORAÇÃO
Aldair Barbosa
(coordenadora)
Ailton da Silva
Claudemir Brandão
Eliane Gomes
Emerson dos
Santos

Gabriel Dias
Gilson da Silva
Isaías Ferreira
Nilson dos Santos
Pedro de Santana
Kayo Cardoso
Leonardo da Silva
Lucas de Santana
Luís Carlos de
Melo
Moisés Dias
Rafael Câmara
Raimundo Nonato
Sergio Vieira
Tiago de Andrade

OPERAÇÕES
Rodrigo Macêdo
(coordenador)
Adenilson de Lima
Alexandre de
Oliveira
Alexsandro
Oliveira
Antônio da Cruz
Célio Silva
Charles Silva
Claudiene do
Nascimento

Claudinez Brechó
Cleyton da Silva
Daniel da Cruz
Edilson Barbosa
Edmilson da Silva
Elias Ferreira
Elmo Dias
Fabio Gomes
Flávio da Silva
Isaías Timóteo
Jailson do
Nascimento
Josélio da Silva
Rodrigo José
Sandro de Souza
Severino Avelino
da Silva
Severino Matias
da Silva
Silvio Joaquim da
Silva

PLANEJAMENTO
E PROJETOS
Mariana Melo

ADMINISTRATIVO
E FINANCEIRO
Pedro Saldanha
(coordenador)
Andreza Lima
Antônio Renan
Cosme Pereira
Cristiane
Nascimento
Erick Erickson
Severino Cordeiro
Victor Mulatinho

COMERCIAL
E BILHETERIA
Samira Alves
(coordenadora)
Adriana Gomes
Ana Isabela
Edvaldo Barbosa
Fernanda Barbosa
Lucas Falcão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

F593

Flechas folhas pássaros: caminhos na educação/ Ariana Nuala, Gleyce Kelly Heitor, [et al]. (org.). Recife: Oficina Francisco Brennand, 2023.
160 p.; il. color.

Vários Autores.

ISBN: 978-65-982322-0-7

1.Educação. 2.Cultura. 3. Arte. 4. Museu. 5. Indígena. 6. Afro-brasileira

I. Oficina Francisco Brennand. II. Título.

CDD: 370

CDU:37

Índice para catálogo sistemático:

1.Educação 370

Bibliotecária responsável:

Marinez Teixeira da Silva – CRB-4/1661



MANTENEDOR



Grupo Cornélio Brennand

PATROCÍNIO



REALIZAÇÃO

MINISTÉRIO DA
CULTURA





Camila Santiago
Carlos Avelar
Eliane Duarte
Gabriela Monteiro
Geisiane Paula
Givanilson Soares
Hilson Olegário
Maria da Conceição Freitas
Tatiana Sarmiento
Teresa França